

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ  
CURSO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**NADEIGE RICHER**

**EM DIÁSPORA: O ASSASSINATO DO PRESIDENTE JOVENEL MOÏSES E A  
INFLUÊNCIA SOBRE OS HAITIANOS EM CHAPECÓ**

**CHAPECÓ  
2025**

**NADEIGE RICHER**

**EM DIÁSPORA: O ASSASSINATO DO PRESIDENTE JOVENEL MOÏSES E A  
INFLUÊNCIA SOBRE OS HAITIANOS EM CHAPECÓ**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção de título de Licenciada em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Mauricio Matiello

CHAPECÓ  
2025

**Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Richer, Nadeige

EM diáspora: O assassinato do presidente Jovenel Moïse em e a influência sobre os haitianos em Chapecó. / Nadeige Richer. -- 2025.

1 f.

Orientador: Alexandre Mauricio Matiello Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, Chapecó, SC, 2025.

I. Matiello, Alexandre Mauricio, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

NADEIGE RICHER

**EM DIÁSPORA: O ASSASSINATO DO PRESIDENTE JOVENEL MOÏSES E A  
INFLUÊNCIA SOBRE OS HAITIANOS EM CHAPECÓ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 17/12/2025

**BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente  
 **ALEXANDRE MAURICIO MATIELLO**  
Data: 17/12/2025 18:20:25-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Alexandre M. Matiello – UFFS

**Orientador**

Documento assinado digitalmente  
 **ADILES SAVOLDI**  
Data: 17/12/2025 20:00:43-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof<sup>a</sup>. Dra. Adiles Savoldi – UFFS Avaliadora

Documento assinado digitalmente  
 **CLAUDECIR DOS SANTOS**  
Data: 18/12/2025 20:12:45-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

UFFS

**AVALIADOR**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Jeová, pela força, sabedoria e perseverança concedidas ao longo desta jornada. Expresso minha profunda gratidão à minha família, pelo amor incondicional, paciência e apoio constante em todos os momentos, especialmente nos dias de maior desafio. Sem vocês, nada disso seria possível.

Agradeço aos meus pais Ilsoina Lafleur e Orene Richer por toda dedicação que sempre dispensaram a mim. Dedico este trabalho primeiramente a eles, meus pais sempre me cuidaram e me inspiraram e nunca desistir dos meus estudos depois de Jeová é graça a eles que eu chego até concluir a minha graduação. Meu amado companheiro Windy Calixte por ser tudo pra mim durante esta trajetória da minha graduação, pelas motivações, pelo incentivo de cuidar de mim. Eu amo você Baby, sou muito grata de ter você ao meu lado e espero que você fique durante toda minha vida.

Obrigada à meu orientador, professor Alexandre Maurício Matiello pela orientação atenta, pelas contribuições valiosas e pela confiança depositada em meu trabalho. Obrigado pela escuta, paciência, ajuda no desenvolvimento da pesquisa e escrita deste trabalho. Sua dedicação e conhecimento foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço também aos meus professores que me incentivaram, me ajudaram e ensinaram com muita paciência. Muito obrigada, admiração eterna pelo trabalho de todas as professoras e professores que me ensinaram e ensinam- saibam que são fonte de inspiração.

Às minhas irmãs Marie-Ange, Audline, a minha sobrinha Ana Júlia e meu cunhado Daphne Seguin por me encorajaram durante esse tempo, sou muito feliz por ter vocês como exemplo de pessoa dedicadas ao meu lado. Aos meus amigos que fiz ao longo da graduação, Lucas e o Soivill, e mantenho contato, sempre trocando muitas conversas e que fizeram meu tempo na graduação mais feliz de diferentes formas, contribuíram com ideias, incentivos e reflexões que enriqueceram este estudo. Agradeço os meus entrevistados, em especial aos diáspora haitianos em Chapecó, que gentilmente compartilharam suas histórias, emoções e experiências. Sem suas vozes e sua confiança, este trabalho não teria sido possível, por disponibilizar um tempo de seu dia para os questionamentos da minha pesquisa, vocês são muito importantes não só para essa pesquisa, mas no mundo também, sou muito grata e admiro vocês pelas suas dedicações.

Por fim, agradeço a professora Valdete Boni por fazer parte da banca de qualificação, às instituições e aos órgãos que disponibilizaram dados e apoio para a realização desta pesquisa.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que este trabalho se tornasse realidade, deixo aqui o meu sincero muito obrigado.

## RESUMO

Esta pesquisa analisa as experiências da diáspora haitiana em Chapecó, região oeste de Santa Catarina, com ênfase nos impactos sociais, emocionais e simbólicos decorrentes do assassinato do presidente do Haiti, Jovenel Moïse, em 2021. Busca-se compreender como esse evento reverberou entre migrantes haitianos residentes no Brasil, influenciando percepções de pertencimento, identidade e projetos de futuro. A abordagem é qualitativa e baseia-se em entrevistas realizadas com três participantes: Nadia, Samantha e Roberto, cujas trajetórias migratórias revelam caminhos distintos: enquanto duas entrevistadas optaram por deixar o Brasil em direção aos Estados Unidos e Canadá, Roberto decidiu permanecer no país. Os resultados evidenciam que fatores como racismo, precarização laboral e pressões transnacionais atuam como motivadores centrais para a emigração. A análise fundamentada na tipologia das ações sociais de Max Weber permite interpretar respostas diferenciadas à crise política haitiana, variando entre ações racionais orientadas por valores, finalidades e afetos. Observou-se que o assassinato de Moïse intensificou sentimentos de insegurança, saudade e responsabilidade familiar, repercutindo na reconstrução de expectativas e no reposicionamento de projetos migratórios. Destaca-se que a noção de diáspora surge como categoria identitária disputada, vivida de forma heterogênea pelos participantes, o que evidencia a complexidade das experiências migratórias da diáspora haitiana.

Palavras Chave- diáspora; Chapecó; imigração; haitianos; identidade; decisão migratória

## **ABSTRACT**

This research analyzes the experiences of the Haitian diaspora in Chapecó, a region in western Santa Catarina, Brazil, with an emphasis on the social, emotional, and symbolic impacts resulting from the assassination of Haitian President Jovenel Moïse in 2021. It seeks to understand how this event resonated among Haitian migrants residing in Brazil, influencing perceptions of belonging, identity, and future plans. The approach is qualitative and based on interviews conducted with three participants: Nadia, Samantha, and Roberto, whose migratory trajectories reveal distinct paths: while two interviewees chose to leave Brazil for the United States and Canada, Roberto decided to remain in the country. The results show that factors such as racism, precarious employment, and transnational pressures related to remittances act as central motivators for emigration. The analysis, grounded in Max Weber's typology of social actions, allows for the interpretation of differentiated responses to the Haitian political crisis, ranging from rational actions guided by values, purposes, and affections. It was observed that Moïse's murder intensified feelings of insecurity, longing, and family responsibility, impacting the reconstruction of expectations and the repositioning of migratory projects. It is noteworthy that the notion of diaspora emerges as a contested identity category, experienced heterogeneously by the participants, highlighting the complexity of the migratory experiences of the Haitian diaspora.

Keywords: diaspora; Chapecó; immigration; Haitians; identity; migration decision

## REZIME

Rechèch sa a analize eksperyans dyaspora ayisyèn nan Chapecó, yon rejyon nan lwès Santa Catarina, Brezil, avèk yon anfaz sou enpak sosyal, emosyonèl ak senbolik ki te rezilta اساسina prezidan ayisyèn Jovenel Moïse an 2021. Li chache konprann kijan evènman sa a te gen yon enpak sou imigran ayisyèn k ap viv nan Brezil, enfliyanse pèsepsyon apatenans, idantite ak plan pou lavni. Apwòch la se kalitatif epi li baze sou entèvyou ki te fèt ak twa patisipan: Nadia, Samantha ak Roberto, ki gen trajektwa migratwa revele chemen diferan: pandan de moun yo te entèvyouwe yo te chwazi kite Brezil pou Etazini ak Kanada, Roberto te deside rete nan peyi a. Rezilta yo montre ke faktè tankou rasis, travay prekè ak presyon transnasyonal ki gen rapò ak transfè lajan yo aji kòm motivatè santral pou emigrasyon. Analiz la, ki baze sou tipoloji aksyon sosyal Max Weber a, pèmèt entèpretasyon repons diferansye a kriz politik ayisyèn nan, sòti nan aksyon rasyonèl gide pa valè, objektif ak afeksyon. Yo te obsève ke اساسina Moïse a te entansifye santiman ensekirite, nostalji, ak responsablite familyal, sa ki te gen enpak sou rekonstriksyon atant yo ak repozisyonman pwojè migratwa yo. Li enpòtan pou note ke nosyon dyaspora a parèt kòm yon kategori idantite konteste, ke patisipan yo viv yon fason eterogèn, sa ki mete aksan sou konpleksite eksperyans migratwa dyaspora Ayisyen an

Mo kle: dyaspora; Chapecó; imigrasyon; Ayisyen; idantite; desizyon migrasyon



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

|         |                                                             |
|---------|-------------------------------------------------------------|
| EUA     | Estados Unidos da América                                   |
| SC      | Santa Catarina                                              |
| BRF     | Brasil Foods                                                |
| UFFS    | Universidade Federal da Fronteira Sul                       |
| PHTK    | Pati politik tèt kale (Partidos políticos são carecas)      |
| IMDH    | Instituto Migrações e Direitos Humanos                      |
| CBP ONE | U.S. Customs and Border Protection One                      |
| CAPES   | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior |

## SUMÁRIO

|                                                                                                |           |
|------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>AGRADECIMENTOS</b>                                                                          | <b>5</b>  |
| <b>RESUMO</b>                                                                                  | <b>6</b>  |
| <b>ABSTRACT</b>                                                                                | <b>7</b>  |
| <b>1. INTRODUÇÃO</b>                                                                           | <b>11</b> |
| O Haiti pós-terremoto de 2010: crise estrutural e fragilidade institucional                    | 11        |
| Abordagem metodológica e uso de entrevistas semiestruturadas                                   | 19        |
| <b>2. A DIÁSPORA PARA O BRASIL: A ANÁLISE DAS ENTREVISTAS</b>                                  | <b>21</b> |
| <b>2.2 A EXPERIÊNCIA MIGRATÓRIA HAITIANA NO BRASIL: RESISTÊNCIA, IDENTIDADE E RECONSTRUÇÃO</b> | <b>25</b> |
| 2.2.2 Forma de obtenção de informações sobre a situação no Haiti                               | 32        |
| 2.2.3 Reações sobre o assassinato do presidente Jovenel Moïse                                  | 35        |
| <b>3. A TEORIA WEBERIANA DOS TIPOS DE AÇÃO SOCIAL: A ANÁLISE SOCIOLÓGICA DAS ENTREVISTAS</b>   | <b>37</b> |
| A ação afetiva e a experiência do choque: o caso de Nadia                                      | 37        |
| <b>4. AINDA EM DIÁSPORA: PERMANECER OU IMIGRAR?</b>                                            | <b>41</b> |
| <b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>                                                                 | <b>45</b> |
| <b>REFERÊNCIAS</b>                                                                             | <b>48</b> |
| <b>ANEXO</b>                                                                                   | <b>50</b> |

## 1. INTRODUÇÃO

O Haiti, localizado na ilha caribenha de Hispaniola, é o segundo maior país das Antilhas, depois de Cuba. Compartilha a ilha com a República Dominicana e se distingue por sua rica cultura e história, marcadas por sua independência em 1804, resultado de uma revolta de escravizados. A cultura haitiana mistura influências africanas, francesas, taínas e caribenhas, com uma forte tradição musical, artística e artesanal.

Apesar dessa herança, o Haiti enfrenta sérios desafios econômicos, políticos e ambientais, com uma economia agrícola enfraquecida, pobreza extrema e um setor turístico subdesenvolvido. O Haiti é vulnerável a desastres naturais, incluindo terremotos e furacões. O terremoto devastador de 2010 teve um impacto profundo no país, resultando em grandes perdas humanas e danos à infraestrutura. O Haiti tem historicamente enfrentado instabilidade política e conflitos internos. A governança tem sido um desafio, acompanhado por questões de corrupção e falta de serviços básicos<sup>1</sup>.

O presidente do Haiti, Jovenel Moïse, foi assassinado no dia 7 de junho 2021, aos 53 anos de idade, em sua residência oficial, o que causou repercussão nacional e internacional, em meio à crise política e à violência que o país enfrentava desde as eleições de 2015, quando o então presidente Michel Martelly deixou o poder. Para compreender o cenário haitiano, é essencial contextualizar quem foi Jovenel Moïse.

Nascido em 26 de junho de 1968 em Trou-du-Nord, no nordeste do Haiti, Jovenel era filho de um mecânico e agricultor e de uma costureira. Em 1974, mudou-se com a família para Porto Príncipe, onde estudou na Faculdade de Ciências da Educação da Universidade Quisqueya. Em 1996, casou-se com Martine Etienne Joseph e retornou à sua região natal com o objetivo de transformar o Haiti em um país "essencialmente agrícola", promovendo o desenvolvimento rural. Jovenel Moïse chegou ao poder no Haiti após vencer a eleição presidencial de 2016. Ele era o candidato do partido PHTK<sup>2</sup> (Partido Haitiano Tèt Kale). As eleições, realizadas em outubro de 2016, enfrentaram vários problemas, incluindo alegações de fraude e um subsequente adiamento. Após um período de disputas e adiamentos, ele foi declarado vencedor e assumiu o cargo em fevereiro de 2017.

### **O Haiti pós-terremoto de 2010: crise estrutural e fragilidade institucional**

Em 12 de Janeiro de 2010<sup>3</sup>, um terremoto de magnitude entre 7.0 e 7.3 na escala Richter e

<sup>1</sup> [Haiti: mapa, bandeira, capital, economia, cultura - Brasil Escola](#). Acesso em março 2025.

<sup>2</sup> [https://en.wikipedia.org/wiki/Haitian\\_T%C3%A8t\\_Kale\\_Party](https://en.wikipedia.org/wiki/Haitian_T%C3%A8t_Kale_Party). Acesso em março de 2025.

<sup>3</sup> [https://pt.wikipedia.org/wiki/Sismo\\_do\\_Haiti\\_de\\_2010](https://pt.wikipedia.org/wiki/Sismo_do_Haiti_de_2010). Ver em Maio de 2025.

duração de 35 segundos com epicentro cerca de 25km da capital do país, Porto Príncipe, atingiu cidades em raio de 45 km. O horário do terremoto foi em um momento em que grande parte da população estava nas ruas, o que provavelmente diminuiu o número de óbitos. O terremoto atingiu o centro econômico, administrativo, político e populacional do país, concentrando 66% do PIB e 39% da população localizada da cidade de Porto Príncipe e seus entornos. As consequências humanas foram imensas, sendo destruída boa parte da economia e da capacidade de governo em um país historicamente vulnerável aos desastres.

Esse desastre natural intensificou de forma significativa os fluxos migratórios, sobretudo em direção a países das Américas, como Estados Unidos, Brasil, Chile e República Dominicana. A busca por melhores condições de vida, segurança e oportunidades de trabalho levou milhares de haitianos a deixarem seu país de origem, configurando um movimento migratório persistente que se estende até os dias atuais. No contexto brasileiro, por exemplo, entre os anos de 2010 e 2020, mais de 150 mil haitianos solicitaram refúgio ou residência<sup>4</sup>, o que contribuiu para a formação de um novo perfil migratório no país e evidencia como eventos ambientais extremos podem impactar de maneira duradoura os padrões de mobilidade populacional.

É possível perceber que, até a chegada do Brasil nessa história, há uma longa trajetória, cuja relação com movimentos diaspóricos acaba por compor a identidade haitiana. Joseph (2015) levanta esse tema comentando sobre o uso da palavra “diáspora” em expressões: a “casa diáspora”, referente à identidade familiar na forma arquitetônica de residências; o “sonho em ser diáspora”, nesse “destino imigrante”; dizer que alguém “parece um diáspora” para se referir a um comportamento de maior poder aquisitivo. Todos são exemplos dessa composição identitária que acabaram por tornar a palavra parte no vocabulário da língua oficial do país, o Crioulo Haitiano: dyaspora.

De acordo com Glick-Schiller (2011), o termo diáspora se popularizou em 1980 entre haitianos nos Estados Unidos, particularmente em Nova York, como parte do movimento popular contra a ditadura Duvalier. Em 1985, das 96 lideranças haitianas entrevistadas na área metropolitana de Nova York (Glick-Schiller, 2011, p. xxvi), “somente aquelas ligadas diretamente com os padres católicos ou provindas dos meios de comunicação haitianos tinham ouvido falar do termo diáspora”. Muitos nunca o tinham escutado ou ouvido falar nele. Nesse primeiro momento, o termo foi mobilizado pelos padres católicos como recurso político para reivindicar os direitos nos Estados Unidos e denunciar a ditadura no Haiti.

Segundo Glick-Schiller (2011), a constituição da “diáspora haitiana” e o uso do termo

<sup>4</sup>Ver [https://pt.wikipedia.org/wiki/Imigra%C3%A7%C3%A3o\\_haitiana\\_no\\_Brasil?utm](https://pt.wikipedia.org/wiki/Imigra%C3%A7%C3%A3o_haitiana_no_Brasil?utm). Acesso em Outubro de 2025.

“comunidade haitiana” foram fundamentais para a articulação de projetos comunitários de jornais, televisões e associações dos haitianos nos Estados Unidos. Foi uma forma encontrada para descrever suas experiências e constituir uma agenda política. No espaço nacional haitiano, o uso do termo iniciou a partir do retorno, em 1986, dos compatriotas exilados durante a ditadura dos Duvaliers. Em 1990, tinha-se generalizado o uso do termo diáspora, tornando-se comum entre os haitianos no Haiti e fora dele. Nesse mesmo período, ele se integrou ao vocabulário de uma das línguas oficiais do país caribenho, o crioulo Haitiano, escrito com “y”, diáspora (Joseph, 2015). Estas expressões caracterizam o termo diáspora: “ diáspora ki jan ou ye?” (diáspora, como você vai?); “sa k’ap fèt diáspora?” (o que tem feito, diáspora?); “ mwen se diaspora” (sou diáspora).

Como categoria de autodesignação e de alteridade, permite diferenciar os que vivem “aletranje” (exterior) em relação àqueles que ficam no Haiti. No Brasil, no Suriname, na Guiana Francesa e no Haiti de modo particular (também nos Estados Unidos, França, Canadá e em outros países do Caribe), o termo é utilizado para designar os compatriotas que residem “aletranje”, que voltam temporariamente ao Haiti e logo retornam “aletranje”. As dimensões de tempo e espaço são cruciais para a compreensão dos sentidos sociais do termo diáspora. Além de a pessoa precisar residir num espaço internacional, para ser considerada diáspora, também deve permanecer por um longo período de tempo ali antes de voltar ao Haiti. A volta deve mostrar o sucesso pessoal e coletivo da diáspora (Joseph, 2025).

O caso da vinda de haitianos para o Brasil se reveste de especial importância, pois desde o fim da 2ª Guerra Mundial não se via no país um afluxo tão expressivo de imigrantes, originários do Hemisfério Norte, que chegaram ao país em situação migratória irregular. O desafio colocado por esta situação e a solução encontrada para o problema pelo Governo por parcela representativa da sociedade civil, merecerá em um futuro análise aprofundada e meticulosa. Ao final do episódio mais de 5.000 haitianos deverão ter a sua situação migratória regularizada e foram colocados em marcha mecanismos, embora passíveis de várias críticas, que permitirão, no futuro, a chegada de imigrantes haitianos de forma regular ao país (Patarra, 2012, p. 13).

A análise de Patarra (2012) evidencia o caráter excepcional da imigração haitiana no Brasil, tanto pelo volume quanto pelo perfil dos migrantes, marcando uma inflexão histórica no padrão migratório do país. Ao destacar a condição de irregularidade inicial e a posterior criação de mecanismos de regularização, a autora chama atenção para a resposta institucional do Estado brasileiro diante de um fluxo inesperado, bem como para o papel da sociedade civil nesse

processo. Tal abordagem é fundamental para compreender os limites e contradições das políticas migratórias adotadas, que, embora tenham possibilitado a regularização de milhares de haitianos, permaneceram permeadas por improvisações e críticas.

É compreensível que o assassinato do presidente haitiano Jovenel Moïse, em julho de 2021, tenha gerado uma variedade de reações e possíveis comportamentos entre os haitianos que residem no Brasil. É importante lembrar que a comunidade haitiana no país é diversa, composta por indivíduos e famílias com trajetórias migratórias distintas, diferentes perspectivas e variados níveis de envolvimento e interesse em relação à política haitiana. Ainda assim, é possível identificar alguns aspectos gerais sobre como esse evento pode ter influenciado as percepções, emoções e decisões dessa comunidade no contexto migratório.

Entre as possíveis reações e comportamentos, é provável que muitos haitianos no Brasil tenham sentido luto pela perda do presidente, mesmo que houvesse opiniões diversas sobre sua gestão. Expressões de solidariedade entre a comunidade, como vigílias, encontros e compartilhamento de mensagens nas redes sociais, podem ter ocorrido. A preocupação com a situação no Haiti depois do assassinato de um presidente em exercício possivelmente leva a um aumento da instabilidade política e social no país. Os haitianos no Brasil podem ter expressado grande preocupação com o futuro de seus familiares e amigos no Haiti, bem como com a segurança e o bem-estar da nação.

O evento pode ter intensificado debates dentro da comunidade haitiana no Brasil sobre a situação política no Haiti, as causas da violência e as possíveis soluções para a crise. Diferentes opiniões sobre o papel de Moïse, as responsabilidades pelo assassinato e o futuro do país pode ter emergido. Alguns haitianos no Brasil podem ter se sentido motivados a se mobilizar e expressar suas opiniões publicamente, seja através de protestos pacíficos, petições online ou outras formas de ativismo. Isso poderia incluir apelos por justiça, por uma solução pacífica para a crise política e por apoio internacional ao Haiti.

A crise política e social que assola o Haiti há décadas tomou um rumo ainda mais trágico com o assassinato do presidente Jovenel Moïse, morto na noite de terça-feira na residência presidencial em Porto Príncipe por um comando armado. Este fim abrupto para um presidente controverso, em meio a um clima geral de insegurança e violência, inaugurou uma nova era de incertezas para a Pérola das Antilhas ( Deglise, Le Devoir 2021.)

Entre os haitianos que fazem parte da diáspora pode ter havido insegurança pelo nosso futuro, em relação à instabilidade no Haiti, reforçando nossa decisão de permanecer no Brasil ou até

mesmo de buscar outras oportunidades em países mais estáveis. Para outros, pode ter aumentado o desejo de retornar ao Haiti quando a situação se normalizasse.

Considerando a experiência empírica e os dados qualitativos da pesquisa, supõe-se que a comunidade haitiana no Brasil mobiliza redes de apoio e solidariedade, particularmente associações comunitárias, como mecanismos centrais de enfrentamento emocional e de circulação de informações sobre a conjuntura política haitiana.

Além disso, essas redes desempenham um papel central na produção e circulação de interpretações sobre os acontecimentos no Haiti. Elas não apenas informam, mas também ajudam a enquadrar politicamente e afetivamente o assassinato do presidente, produzindo leituras coletivas sobre suas causas, seus impactos e suas consequências futuras. Assim, a diáspora se constitui como um espaço transnacional de elaboração simbólica, no qual os haitianos reconstroem suas identidades, negociam pertencimentos e avaliam continuamente sua relação com o país de origem. Esse processo é marcado tanto por uma memória compartilhada de crise quanto por expectativas de transformação mesmo quando essas expectativas se encontram atravessadas pelo ceticismo.

Ao mesmo tempo, o assassinato presidencial produz efeitos diferenciados nas decisões individuais sobre mobilidade. Para alguns jovens haitianos que vivem no Brasil, o evento intensificou sentimentos de desproteção e vulnerabilidade, levando-os a interpretar o Haiti como um lugar ainda mais perigoso e imprevisível. Para outros, reforçou a necessidade de manter vínculos com a família no país de origem, seja por meio de remessas, seja por um engajamento mais direto nas discussões políticas e comunitárias a distância. Assim, a decisão de permanecer, partir ou retornar é sempre produzida pela articulação entre experiências pessoais, redes de apoio, condições socioeconômicas e percepções coletivas sobre o futuro do Haiti.

Nestas redes se busca compreender as implicações do assassinato para o futuro do país e para nossas famílias que lá permaneceram. Para o desenvolvimento desta pesquisa abordaremos os haitianos em diáspora que moram no Brasil, em especial os jovens que encontramos na cidade de Chapecó. As questões de pesquisa problematizam as experiências que eles viveram enquanto estavam no Haiti e como a recepção da notícia da morte do presidente motivou suas decisões sobre sua permanência ou movimentação.

O Instituto Migrações e Direitos Humanos (IMDH, 2015) contribui para os estudos destacando a diferença entre migração e refúgio. Migração é concebida como movimento “voluntário”, podendo ser regular ou não, geralmente motivada por questões econômicas, culturais, não havendo fundado temor de perseguição no país de origem. Inclui-se aqui também a migração por razões ambientais (não há, na legislação, o refugiado ambiental). Refúgio, por sua vez, consiste em

deslocamento forçado de seu país de origem devido à perseguição ou fundado temor de perseguição ou ainda devido à grave e generalizada violação de direitos humanos.

Ao contrário do migrante, o refugiado não pode retornar ao seu país de origem. Conforme o IMDH (2015) ressalta que, no mundo, são 59,5 milhões de pessoas forçadas a deixar sua casa. Destes, existem 19,5 milhões de refugiados. Muitos países do mundo têm uma presença superior a 10% da população. Já no Brasil os migrantes internacionais não passam de 1% da população. Para ilustrar esse cenário, apresentamos o número de solicitantes de refúgio nos últimos dez anos, segundo registros obtidos na Polícia Federal pelo IMDH (2015).

A definição das Nações Unidas, ao dizer que um migrante é todo aquele que ao ir para outro país muda a sua residência habitual, afirma que a migração é uma mudança de espaços político-administrativos com alguma duração, por implicar uma alteração de residência, e permitindo assim uma distinção entre migrações e outras formas de mobilidade que não têm implícita essa mudança de residência (UN, 1998 *apud* Nolasco, 2016, p. 3).

No âmbito dos estudos migratórios, o conceito de diáspora surge como uma ampliação teórica do entendimento sobre mobilidade internacional, ultrapassando a noção de deslocamento físico entre fronteiras político-administrativas. Enquanto a definição das Nações Unidas delimita a migração como mudança de residência para outro país, com certa permanência temporal (UN, 1998 *apud* Nolasco, 2016), o debate sobre diáspora introduz um olhar que incorpora dimensões identitárias, políticas, simbólicas e emocionais. Diferentemente de movimentos migratórios que podem ser reversíveis ou motivados por fatores econômicos, a condição diaspórica pressupõe uma continuidade de vínculos materiais e imateriais com o território de origem, mesmo após a inserção em novos contextos socioculturais.

Autores clássicos como Staudt (2017) e Joseph (2015) enfatizam que a diáspora é marcada por um constante diálogo entre memória e presente, raízes e rotas, preservação e reinvenção identitária. Trata-se de uma experiência atravessada por sentimentos de pertencimento múltiplo, na qual o sujeito configura laços de solidariedade, redes de apoio e práticas culturais em território estrangeiro, sem romper totalmente com sua referência original. Assim, ao articular migração e diáspora, torna-se possível compreender o deslocamento não apenas como movimento demográfico, mas como processo social de reconstrução identitária e inserção simbólica, aspecto essencial para a análise de grupos como a diáspora haitiana no Brasil. Quando da minha experiência ao receber a notícia do presidente, fui tomada por um profundo estado de choque. Embora eu estivesse fora do país há seis anos, a distância nunca foi capaz de



apagar o vínculo que mantenho com minha terra natal. A morte de um chefe de Estado não é apenas a perda de uma figura política, é um golpe simbólico e real contra a estabilidade de uma nação. Assassinar um presidente é de certa forma ferir mortalmente a pátria, abalar sua soberania e colocar em xeque a ordem que sustenta seu povo. É como se naquele instante, uma parte da identidade nacional tivesse sido arrancada com violência, deixando no ar um sentimento de luto coletivo e incerteza quanto ao futuro.

Além disso, a importância desta pesquisa é nos ajudar a entender o impacto da morte do presidente Jovenel sobre os diásporas haitianos que residem no Brasil, particularmente na cidade de Chapecó. O assassinato do presidente teve um impacto significativo no Haiti e nas comunidades haitianas ao redor do mundo, incluindo as diásporas em países como Brasil. Estudar esse evento permite compreender suas repercussões sociais e políticas. O impacto de eventos políticos no país de origem pode influenciar fortemente a juventude na diáspora. A realização de entrevistas ou observações diretas dentro da comunidade haitiana em Chapecó pode enriquecer a pesquisa, oferecendo um olhar empírico sobre como o assassinato de Moïses impactou a vida dos jovens na diáspora. Segundo Staudt (2015), os elementos diaspóricos nas identidades desses indivíduos serão analisados principalmente a partir de autores haitianos ou caribenhos, considerando a trajetória histórica do Haiti desde o período colonial francês, a diáspora forçada, as crises políticas e econômicas até as migrações recentes. Essa abordagem prioriza uma perspectiva teórica que melhor compreende a realidade investigada.

A contribuição deste estudo pode revelar de que maneira eventos políticos e sociais no Haiti, como o assassinato do presidente, afetam a vida cotidiana, as emoções e as perspectivas dos jovens haitianos em Chapecó. Isso ajuda a entender como as diásporas mantêm conexões com seus países de origem, mesmo estando geograficamente distantes. Em resumo, esse estudo pode oferecer um olhar mais aprofundado e sensível sobre a realidade dos jovens haitianos em Chapecó, contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva e acolhedora.

O termo “diáspora” refere-se, em sentido amplo, à dispersão de um povo ou grupo étnico para além de seu território de origem, mantendo, contudo, vínculos afetivos, culturais, políticos e identitários com a terra natal. No caso haitiano, a noção de diáspora assume uma dimensão histórica e simbólica profunda, marcada por sucessivas crises políticas, desastres naturais e condições socioeconômicas adversas que impulsionam o deslocamento constante de sua população para diversos países, entre eles o Brasil, o Chile, os Estados Unidos e o Canadá.

No contexto da comunidade haitiana residente em Chapecó (Santa Catarina), o conceito de “estar em diáspora” ganha contornos específicos. A presença haitiana nessa região do Sul do Brasil

está diretamente ligada ao processo migratório intensificado após o terremoto de 2010, quando o Brasil passou a ser um dos principais destinos dessa população em busca de estabilidade e oportunidades de trabalho. Entretanto, a experiência migratória dos haitianos não se encerra com a chegada ao país de destino: ela continua sendo atravessada por laços transnacionais, pela manutenção de práticas culturais e por uma identidade diaspórica que articula simultaneamente pertencimento e deslocamento.

O assassinato do presidente Jovenel Moïse, em julho de 2021, representa um marco de instabilidade política e emocional para a diáspora haitiana. O episódio não apenas aprofundou a crise política e econômica do Haiti, mas também provocou repercussões simbólicas e psicológicas entre os haitianos que vivem fora do país. Em comunidades como a de Chapecó, esse acontecimento reacendeu sentimentos de insegurança, impotência e desilusão com o futuro da nação, ao mesmo tempo em que reforçou o sentimento de pertencimento coletivo e o desejo de solidariedade transnacional.

A morte do presidente foi interpretada por muitos imigrantes como um reflexo da fragilidade institucional e da ausência de perspectivas de reconstrução nacional, o que influencia diretamente suas decisões migratórias e suas percepções sobre o retorno ao Haiti. Assim, o acontecimento se insere em um processo mais amplo de reafirmação da condição diaspórica, em que os haitianos, mesmo geograficamente distantes, continuam a vivenciar os efeitos das crises políticas e sociais de seu país de origem.

O termo “em diáspora”, nesse contexto, ultrapassa o sentido geográfico da migração. Ele expressa uma condição existencial e política de viver entre dois mundos: o de origem e o de acolhida marcada pela busca por reconhecimento, dignidade e estabilidade. O assassinato de Jovenel Moïse, portanto, atua como um evento catalisador que reforça a consciência coletiva da diáspora haitiana, ao mesmo tempo em que evidencia os desafios enfrentados por essa comunidade no Brasil, especialmente em cidades médias como Chapecó, onde ainda lutam por inserção social e visibilidade cultural. Este trabalho tem como objetivo analisar os fatores que motivam os imigrantes haitianos a deixar o Brasil para outro destino como Estados Unidos ou ao Canadá, bem como examinar os impactos do assassinato do presidente do Haiti, ocorrido em 2021, sobre a vida e as perspectivas desses imigrantes. A investigação quer compreender quais os principais fatores que impulsionam a saída dos haitianos do Brasil estão relacionados às condições socioeconômicas precárias enfrentadas por essa população, as quais afetam diretamente sua capacidade financeira de enviar remessas ao Haiti.

### **Abordagem metodológica e uso de entrevistas semiestruturadas**

A metodologia que foi adotada é de natureza qualitativa, com enfoque na realização de entrevistas semiestruturadas, Minayo (2002) define uma entrevista como uma “conversa a dois ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador e sempre dentro de uma especificamente” (p. 58). Ao classificar os tipos de entrevista, ela se posiciona de forma semiestruturada como um formato que equilibra o rigor e a flexibilidade. A visão de Minayo (2002) sobre uma entrevista semiestruturada reforça sua relevância como um instrumento de "captura, construção e compartilhamento do conhecimento". Ela destaca que essa metodologia é fundamental para a pesquisa que busca compreender a realidade social em suas múltiplas dimensões, indo além da mera descrição dos fatos para explorar os significados, as percepções e as vivências dos sujeitos. A entrevista semiestruturada seguiu um roteiro que encontra-se em anexo na página 47.

Além do trabalho de campo, a pesquisa contou com uma revisão teórica que fundamentou as principais categorias analíticas. A Teoria da Ação Social de Max Weber (1978) orientou a interpretação das narrativas, especialmente na identificação e classificação das motivações que permeiam as decisões dos participantes. De forma complementar, foram consultados autores que discutem diáspora e processos migratórios, como Joseph (2015) e Staudt (2017), entre outros, os quais contribuíram para a compreensão de como identidades, vínculos e movimentos transnacionais são produzidos e ressignificados no contexto haitiano. Esse diálogo entre referencial teórico e metodologia fortaleceu o processo analítico, permitindo conectar as experiências narradas pelos entrevistados às reflexões acadêmicas que sustentam o estudo.

Todos os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa, o uso dos dados e o direito de desistir a qualquer momento, sem prejuízos. A participação ocorreu mediante consentimento livre e esclarecido, garantindo sigilo e anonimato dos entrevistados. Os nomes utilizados nesse trabalho são fictícios para preservar a identidade dos envolvidos. Todos os registros e arquivos de áudio/vídeo foram armazenados de maneira segura, respeitando os princípios éticos da pesquisa com seres humanos. A fala dos entrevistados foi preservada em trechos entre aspas mas também em *itálico* para ter um maior destaque no texto.

Uma das entrevistas aconteceu de forma presencial. Eu e a participante combinamos antecipadamente o local e o horário, o que permitiu que nos encontrássemos em um ambiente tranquilo, onde ela se sentiu confortável para falar sobre sua trajetória. Estar frente a frente possibilitou uma troca mais humana, pude observar expressões, pausas e sentimentos que enriqueciam a fala, tornando o diálogo mais próximo e profundo. As outras duas entrevistas foram realizadas de modo online, por chamadas no WhatsApp e no Google Meet, enquanto eu usava um

aparelho para gravar as conversas. Essa opção surgiu tanto pela praticidade quanto pela distância geográfica, e acabou se mostrando bastante eficiente. Mesmo pela tela, as conversas fluíram bem e conseguimos registrar tudo com qualidade, em áudio. A combinação entre o encontro presencial e os virtuais ampliou a minha possibilidade de acesso aos participantes e mostrou que é possível manter a profundidade das falas mesmo mediadas pela tecnologia. Essa diversidade de formatos tornou o processo mais flexível e se ajustou às realidades e rotinas de cada entrevistado.

A entrevista foi do tipo semiestruturada, caracterizada por um roteiro de perguntas previamente elaborado, para que novas questões emergissem ao longo da conversa. Nesse formato, foi conduzido o diálogo por meio de perguntas orientadoras, e os participantes responderam de maneira espontânea, permitindo aprofundamento quando necessário. O ponto central da entrevista semiestruturada foi a interação direta, o que favorece a obtenção de respostas claras e contextualizadas, bem como a construção de um espaço de confiança que estimula a sinceridade e a expressão das experiências vividas. Durante esse processo dialógico, não apenas questiona-se, mas se escuta e se interage, buscando compreender os sentidos e significados atribuídos pelos entrevistados em relação ao objeto do estudo para análise, usou-se do aporte sugestivo da inteligência Artificial (Chat GPT) para melhor estruturar as repostas conforme temas tratados, o que resultou numa categorização prévia que foi revisada com chancela do orientador. O propósito dessa pesquisa foi identificar materiais publicados em fontes confiáveis como Scielo, Portal da CAPES, repositório da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).

Para realizar esta pesquisa “Em diáspora: O assassinato do presidente Jovenel Moïse e a influência sobre os Haitianos em Chapecó”, primeiramente busquei imigrantes haitianos dispostos a participar voluntariamente de uma roda de conversa. Em seguida, convidamos três (3) pessoas para participar desta pesquisa. Duas viveram por um tempo no sul do Brasil, em Santa Catarina/Chapecó, mas, por algum motivo, optaram por deixar o Brasil para imigrar para outro destino. Buscamos coletar suas memórias sobre a estadia neste país e o que levaram consigo durante essas longas e difíceis jornadas para outro destino, em busca de novas e melhores perspectivas de vida.

explicar o que tu tratou no primeira capítulo, e vai explicar o que tu vai tratar nos próximos capítulos

## 2. A DIÁSPORA PARA O BRASIL: A ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

No campo dos estudos migratórios, o termo diáspora refere-se a grupos populacionais que, embora deixem seu país de origem, preservam vínculos sociais, culturais, econômicos e afetivos com a terra natal. Essa definição dialoga com autores que problematizam o conceito para além do deslocamento físico, entendendo a diáspora como uma experiência marcada pela circulação de memórias, identidades e pertencas (como discutem, Joseph, 2015; 2017 e , *Staudt*, 2018; 2019). Nessa perspectiva, a diáspora haitiana pode ser compreendida não apenas como um movimento migratório internacional, mas como uma rede transnacional em constante reconstrução, onde afetos, projetos e referências culturais atravessam fronteiras e produzem sentidos de comunidade dispersa. No caso haitiano, o conceito de diáspora é particularmente relevante. Desde as décadas de 1980 e 1990, o Haiti enfrenta instabilidade política, crises econômicas, desastres naturais e insegurança generalizada, fatores que intensificaram os fluxos migratórios para diversos países, como Estados Unidos, Canadá, República Dominicana, Chile e Brasil. Assim, os haitianos que vivem fora do país formam uma diáspora global, que desempenha funções centrais para a sobrevivência e a sustentação das famílias que permanecem no território haitiano.

A diáspora haitiana cumpre um papel econômico fundamental: as remessas enviadas pelos imigrantes representam uma das principais fontes de renda nacional. As diásporas caribenhas mantêm redes transnacionais que ultrapassam fronteiras e influenciam diretamente a vida econômica, social e política do país de origem. Esse cenário se aplica claramente ao contexto haitiano, onde os migrantes tornam-se responsáveis por apoiar financeiramente parentes, investir em moradias e, muitas vezes, financiar a educação de familiares. Além do aspecto econômico, existe também um sentido identitário. Muitos haitianos no exterior se reconhecem como parte da diáspora porque continuam conectados ao Haiti por meio da língua, das tradições religiosas, da culinária e dos vínculos familiares.

No entanto, como aparece em entrevistas reais, nem todos os imigrantes se identificam como diáspora. Isso ocorre porque alguns acreditam que, para ser “diáspora”, é necessário possuir documentação, estabilidade econômica e liberdade para viajar de volta ao Haiti, elementos nem sempre disponíveis para grupos que vivem em situação de precariedade. Assim, o conceito de diáspora dentro da imigração haitiana revela uma experiência complexa, transnacional e profundamente influenciada pelas condições estruturais do Haiti e pelas desigualdades enfrentadas nos países de acolhimento. A diáspora haitiana não é apenas um grupo disperso, mas um ator social, cuja presença fora do Haiti tornou-se parte essencial do funcionamento político, cultural e econômico do país.

## 2.1 QUEM FALA

### Nadia

A entrevistada, identificada como Nadia Jean, tem 29 anos, nasceu em 1996 e cresceu em Carrefour, no Haiti, em uma família numerosa. Como relatado por ela, é a filha mais velha e possui oito irmãos. Nadia afirma não seguir nenhuma religião e descreve sua trajetória migratória como marcada por instabilidade, medo e incertezas que ajudam a compreender seu deslocamento recente. Em seu relato, Nadia explica que deixou o Haiti em março de 2022, motivada sobretudo pela instabilidade política, afirmando que *“a situação já não permitia viver com tranquilidade”*. O percurso incluiu uma passagem pela República Dominicana, onde permaneceu por dois dias e enfrentou hostilidade mesmo estando documentada. Conforme destacou, *“mesmo com visto, ser haitiana já é motivo para desconfiança”*, evidenciando experiências de discriminação vividas durante o trânsito entre fronteiras.

Ao narrar sua chegada ao Brasil, ela descreveu as dificuldades de adaptação, especialmente ao se deslocar de São Paulo para o interior do país, onde inicialmente ficou hospedada na casa de um amigo. Segundo a entrevistada, os primeiros dias foram tranquilos, mas com o tempo surgiram tensões e desafios. Nadia mencionou um provérbio em crioulo haitiano para ilustrar essa experiência: *“Quando você acaba de chegar em um país estrangeiro, o acolhimento é bom nos primeiros dias, mas depois vêm os dias difíceis”*, indicando que o período inicial de recepção não se sustentou diante das dificuldades cotidianas.

A adaptação no Brasil envolveu aprender o português, compreender os costumes locais e lidar com a distância da família. Embora o processo tenha sido marcado por obstáculos, Nadia reconhece que encontrou apoio em pessoas que contribuíram para seu sentimento de segurança e pertencimento. Segundo ela, apesar dos desafios, *“aos poucos fui me sentindo mais acolhida”*. Hoje, afirma sentir-se mais adaptada, sem deixar de valorizar suas raízes e de preservar elementos da cultura haitiana em seu cotidiano.

### Samantha

A segunda entrevistada, Samantha Pierre, nasceu em 1984 e cresceu em Carrefour, em um contexto de família monoparental composta pela mãe e quatro irmãs. Em seu relato, destacou que o pai *“nunca esteve presente”*, o que marcou profundamente sua trajetória escolar e profissional. Segundo ela, a perda da mãe em 2006 representou uma ruptura significativa, pois, sem apoio paterno, precisou assumir responsabilidades financeiras e emocionais em relação às irmãs. Samantha migrou para o Brasil em 2018, após um período marcado por forte instabilidade política e violência

no Haiti. Conforme relatou, a insegurança cotidiana havia chegado a tal ponto que *“sair para trabalhar se tornou perigoso”* e, em determinado momento, ela chegou a *“quase ser sequestrada”*, episódio que precipitou sua decisão de deixar o país. A obtenção de um visto, com auxílio de um amigo, permitiu que realizasse o trajeto Haiti–Panamá–Brasil, até se estabelecer na cidade de Chapecó. Ao narrar sua chegada ao Brasil, Samantha enfatizou as dificuldades de adaptação, sobretudo por não falar português e por ter chegado *“sem dinheiro e sem condições de se comunicar”*. Para enfrentar essas barreiras, buscou apoio em um curso de português oferecido pela Igreja Católica e contou também com a ajuda de um brasileiro que a auxiliava na prática diária da língua. Esses elementos foram fundamentais para sua inserção no mercado de trabalho, especialmente na empresa Aurora, onde relatou que a convivência com colegas contribuiu para que se sentisse *“mais confiante, mesmo sem falar perfeitamente”*.

Durante sua permanência no Brasil, Samantha manteve contato constante com suas irmãs no Haiti, expressando preocupação com a situação socioeconômica e política do país. Ela afirmou acompanhar as notícias principalmente por YouTube, Facebook e Twitter, recursos que considera essenciais para *“saber o que está acontecendo”*. Em sua avaliação, o processo migratório representou um período de grande amadurecimento pessoal, no qual aprendeu a lidar com desafios, criar novas redes sociais e reconstruir sua vida com esperança.

## Roberto

O terceiro entrevistado, Roberto Calixte, nasceu em 1992 na cidade de Jacmel e cresceu em uma família marcada pela religiosidade. Mudou-se ainda criança para Porto Príncipe, onde concluiu o ensino médio. Em seu relato, destacou que a decisão de migrar não partiu apenas dele, mas foi fortemente influenciada pela preocupação de sua mãe com a instabilidade política e a violência na capital. Como afirmou, *“ela tinha medo de ver a gente chegando tarde da faculdade, porque o centro estava sempre instável”*, motivo que levou a família a organizar sua saída do país.

Roberto chegou ao Brasil em janeiro de 2018, após realizar escala no Panamá, e descreveu os primeiros momentos no país como particularmente desafiadores. Ele afirmou que desembarcar sozinho, de madrugada, em um lugar desconhecido e sem falar português foi *“um dos momentos mais estressantes da minha vida”*. O apoio de um amigo já residente em Chapecó foi fundamental neste processo inicial, especialmente para resolver questões de documentação e orientação prática sobre o cotidiano no Brasil.

A adaptação, porém, não foi simples. Ao relembrar esse período, relatou que enfrentou intensa ansiedade e sintomas que atribuiu à depressão, resultado tanto da distância da família quanto

das dificuldades de comunicação e de inserção no mercado de trabalho. Segundo ele, “*a saudade e os problemas aqui me deixaram muito mal*”. A participação em um curso de português na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) foi um elemento decisivo para sua integração. Ao mesmo tempo, diante da dificuldade em encontrar emprego, optou por direcionar seus esforços para uma formação na área imobiliária, buscando novos caminhos profissionais.

O relato de Roberto evidencia um processo de migração marcado por vulnerabilidades, mas também por estratégias de enfrentamento e pela construção gradual de redes de apoio no Brasil. Seu percurso destaca a importância do apoio comunitário e da formação linguística para a adaptação de jovens haitianos no contexto migratório brasileiro.



## 2.2 A EXPERIÊNCIA MIGRATÓRIA HAITIANA NO BRASIL: RESISTÊNCIA, IDENTIDADE E RECONSTRUÇÃO

O movimento migratório de haitianos para o Brasil intensificou-se nas últimas décadas, impulsionado por crises políticas, econômicas e ambientais. Essas migrações revelam não apenas deslocamentos geográficos, mas também processos complexos de reconstrução identitária e cultural. A partir dos relatos de Nadia Jean, Samantha Pierre e Roberto Calixte, observa-se que a chegada ao Brasil representa um recomeço permeado por desafios linguísticos, sociais e emocionais.

Como afirma Stuart Hall (2003), a identidade do sujeito migrante é “um ponto de partida e de chegada”, constantemente reformulada em função do novo contexto sociocultural. Assim, as narrativas analisadas evidenciam tanto as dores da partida quanto os esforços de integração e resistência.

### Nadia: acolhimento e resistência cultural

O relato de Nadia Jean expressa a trajetória de uma mulher haitiana que enfrenta discriminação, instabilidade política e saudade, mas também demonstra gratidão e esperança. Ao narrar sua passagem pela República Dominicana, ela afirma: *“Não foi uma experiência fácil, porque muitos dominicanos não gostam dos haitianos, mesmo quando estamos com todos os documentos legais para transitar no país.”*

Essa fala revela o racismo estrutural enfrentado por migrantes haitianos na América Latina, conforme aponta Sayad (1998), ao afirmar que o imigrante é “duplamente ausente”: ausente de seu país e nunca totalmente pertencente ao país de destino. Ao chegar ao Brasil, Nadia vive o acolhimento inicial seguido pelo isolamento cotidiano: *“Quando você acabou de chegar em um país estrangeiro, o acolhimento é bom nos primeiros dias, mas depois vêm os dias difíceis.”* A frase sintetiza a transição entre a hospitalidade superficial e a dificuldade de integração que muitos imigrantes vivenciam.

Apesar disso, Nadia demonstra força ao afirmar que tenta “manter viva [sua] cultura e [suas] raízes haitianas”, reforçando o conceito de identidade híbrida (Hall, 2003), na qual o sujeito reconcilia o pertencimento ao país de origem com o novo contexto cultural.

### Samantha: fé, educação e empoderamento

A narrativa de Samantha destaca-se pelo protagonismo feminino e pela busca por autonomia em meio a um contexto de vulnerabilidade social. Criada em uma “família monoparental”, a autora

ênfatiza que “*minha mãe criou sozinha a mim e minhas irmãs*”, o que já indica uma trajetória marcada pela resiliência e pela responsabilidade precoce. A perda da mãe e o risco de sequestro impulsionam sua decisão de migrar: “*Um dia, quase fui sequestrada, e esse episódio me deixou muito assustada.*” Esse episódio revela como a violência e a insegurança são forças que empurram mulheres haitianas para fora de seu país, em busca de segurança e dignidade. No Brasil, Samantha enfrenta o desafio da língua e da comunicação: “*Eu cheguei sem dinheiro e sem falar português.*” Para superar essa barreira, ela recorre a cursos e amizades locais: “*Comecei a frequentar um curso de português oferecido pela Igreja Católica (...). Além disso, fiz amizade com um brasileiro que sempre tentava conversar comigo.*”. Sua história ilustra o papel da educação e da fé como ferramentas de inclusão social e empoderamento. Segundo Paulo Freire (1987), a aprendizagem da linguagem é um ato de libertação, pois permite ao sujeito “nomear o mundo e transformá-lo”. Assim, Samantha simboliza a mulher migrante que reconstrói a própria identidade por meio da aprendizagem e da fé.

#### Roberto: vulnerabilidade emocional e reconstrução

A trajetória de Roberto Calixte apresenta uma dimensão masculina e introspectiva da migração, marcada por fragilidade emocional e busca de sentido. Ele recorda que sua mãe o enviou ao Brasil “*por medo da violência no centro da cidade*”, revelando o peso das decisões familiares e maternas no processo migratório. Sua chegada ao país é descrita como um momento de tensão: “*Chegar a um novo país sem falar português foi extremamente difícil, pois eu não conseguia me comunicar com as pessoas.*” Roberto menciona ter enfrentado ansiedade e depressão, o que amplia a discussão para o campo psicológico da imigração. Bauman (2005) afirma que o sujeito contemporâneo vive em “estado líquido”, sempre em movimento, sem raízes fixas, condição que pode gerar insegurança e solidão. Contudo, a narrativa também aponta caminhos de reconstrução: o apoio de amigos, o curso de português na Universidade Federal da Fronteira Sul e a busca por formação profissional mostram o processo de reintegração e esperança. Roberto, ao reconhecer sua vulnerabilidade, humaniza o perfil do migrante e rompe o estereótipo da masculinidade invulnerável.

As histórias de *Nadia*, *Samantha* e *Roberto* representam, de modos distintos, a experiência plural da migração haitiana no Brasil. Nadia reflete sobre o acolhimento e a resistência cultural; Samantha transforma a dor em fé e aprendizado e Roberto na sua vez expõe a dimensão emocional da migração, marcada pela solidão e pela reconstrução identitária. Em comum, os três revelam o custo humano da migração, um processo que exige resiliência, adaptação e, acima de tudo, esperança. Suas vozes ecoam a análise de Sayad (1998), para quem “falar de imigração é falar de

sociedade”, pois a forma como o imigrante é recebido revela as contradições e os limites da sociedade que o acolhe. Assim, os relatos analisados não são apenas testemunhos individuais, mas documentos de uma experiência coletiva de deslocamento e resistência, em que a busca por pertencimento e dignidade se torna o eixo central da identidade haitiana no Brasil.

A chegada ao exterior representa, para muitos imigrantes, um momento de ruptura profunda e reconstrução identitária. Trata-se de uma etapa marcada por expectativas, incertezas e pela necessidade de adaptação a um novo ambiente social, econômico e cultural. Para os haitianos que deixam seu país em busca de segurança, melhores condições de vida ou oportunidades de trabalho, esse momento torna-se ainda mais significativo, pois envolve não apenas a travessia física das fronteiras, mas também um processo complexo de reorganização emocional e social.

Ao chegar ao novo país, os migrantes se deparam com realidades diversas, que podem contrastar fortemente com as expectativas construídas antes da viagem. Muitos relatam sentimentos mistos: alívio por terem deixado um cenário de instabilidade, mas também angústia diante de desafios como a barreira linguística, a burocracia para obtenção de documentos, o reconhecimento de diplomas, além das dificuldades de inserção no mercado de trabalho. A necessidade de adaptação é imediata, especialmente quando o indivíduo não possui uma rede de apoio consolidada. A chegada no Brasil: primeiras impressões

A chegada ao exterior representa, para muitos imigrantes, um momento de ruptura profunda e reconstrução identitária. Trata-se de uma etapa marcada por expectativas, incertezas e pela necessidade de adaptação a um novo ambiente social, econômico e cultural. Para os haitianos que deixam seu país em busca de segurança, melhores condições de vida ou oportunidades de trabalho, esse momento torna-se ainda mais significativo, pois envolve não apenas a travessia física das fronteiras, mas também um processo complexo de reorganização emocional e social.

Ao chegar ao novo país, os migrantes se deparam com realidades diversas, que podem contrastar fortemente com as expectativas construídas antes da viagem. Muitos relatam sentimentos mistos: alívio por terem deixado um cenário de instabilidade, mas também angústia diante de desafios como a barreira linguística, a burocracia para obtenção de documentos, o reconhecimento de diplomas, além das dificuldades de inserção no mercado de trabalho. A necessidade de adaptação é imediata, especialmente quando o indivíduo não possui uma rede de apoio consolidada. A chegada ao exterior também marca o início de um processo de ressignificação identitária. Os migrantes passam a refletir com maior profundidade sobre sua origem, seu lugar no mundo e sua relação com a comunidade de destino. No caso da diáspora haitiana, esse processo é particularmente intenso, pois

envolve sentimentos de responsabilidade com a família que permanece no Haiti e a constante busca por alternativas para contribuir com sua subsistência, dada a conjuntura política e econômica do país.

Além disso, a experiência inicial no país de acolhimento impacta diretamente na forma como o migrante constrói sua percepção sobre pertencimento e integração. A recepção, seja ela acolhedora ou hostil, molda as primeiras impressões e influencia o modo como o indivíduo se insere nas dinâmicas sociais locais. Muitos haitianos relatam que, apesar das dificuldades, a chegada também oferece novas possibilidades: acesso a serviços básicos, maior segurança e a esperança de um futuro mais estável. Assim, a chegada ao exterior não se limita ao simples ato de cruzar fronteiras. Ela constitui uma fase crítica no processo migratório, na qual o indivíduo é confrontado com desafios estruturais e emocionais, mas também com oportunidades de reconstrução e autonomia. Compreender essa etapa é fundamental para analisar as dinâmicas migratórias contemporâneas, assim como para pensar políticas públicas capazes de garantir direitos e promover integração social. A mudança de país trouxe inúmeras transformações como destacaram Nadia, Samantha e Roberto.

Nadia A experiência de chegada de Nadia ao Brasil revela tanto a vulnerabilidade inicial típica de muitos imigrantes haitianos quanto às estratégias de adaptação mobilizadas para sobreviver em um contexto desconhecido. Como relata, ao desembarcar no aeroporto de São Paulo, ela não tinha ninguém a esperando, dependendo de ferramentas como o Google Tradutor para se comunicar e se orientar. Segundo ela, já havia buscado aprender expressões básicas em português como “*bom dia*”, “*por favor*”, “*consegue me ajudar?*” e, mesmo com dificuldades de pronúncia, percebeu que as pessoas em geral se esforçam para compreendê-la e prestar auxílio. Esse movimento inicial evidencia um primeiro esforço de integração linguística e também a importância da solidariedade cotidiana no processo migratório.

Nadia narra ainda que, em sua trajetória até Criciúma-SC, recebeu ajuda de desconhecidos e manteve contato constante com um amigo que a orientava pelo telefone. Ao chegar, ingressou no Brasil na condição de refugiada, providenciando imediatamente os documentos para a residência temporária. Contudo, mesmo após quatro meses hospedada por um conhecido, não conseguiu trabalho na cidade. A dificuldade de inserção laboral, especialmente para migrantes que ainda não dominam o português, aparece como um fator determinante para sua decisão de deixar Criciúma.

O deslocamento para Chapecó foi motivado por redes sociais de apoio de uma amiga que já morava na cidade e que a informava sobre melhores oportunidades de emprego. Em sua avaliação, “*Chapecó é uma cidade que tem muita oportunidade de trabalho*”, enquanto Criciúma seria mais “*complicada para trabalhar como imigrante que ainda não fala português*”. Essa percepção coincide com dinâmicas já observadas em pesquisas sobre a região Sul, onde Chapecó, marcada por seu setor agroindustrial, costuma oferecer maior demanda por mão de obra migrante. Ao chegar em Chapecó, a mudança foi imediata: no mês seguinte já havia conseguido emprego na BRF, após entregar o currículo e realizar entrevista no mesmo dia. Trabalhou na empresa por um ano e quatro meses. Esse

contraste entre as duas cidades mostra como a mobilidade interna, frequentemente invisibilizada nas narrativas sobre migração internacional, constitui um recurso fundamental para que imigrantes ajustem suas condições de vida e ampliem suas chances de inserção econômica.

Por outro lado, toda essa trajetória foi marcada por forte sofrimento emocional. Longe da família, Nadia relata que se sentia “muito triste” e buscava diariamente informações sobre a situação no Haiti, temendo receber notícias ruins. O toque do celular, especialmente quando identificava um número do Haiti, gerava “tensão e expectativa”. Essa dimensão afetiva, o medo, a saudade e a precariedade emocional acompanha e atravessa as decisões práticas da migração. Assim, a narrativa de Nadia evidencia as múltiplas camadas que compõem o processo migratório haitiano no Brasil: vulnerabilidade inicial, apoio comunitário, busca por trabalho, mobilidade interna, redes de solidariedade e sofrimento emocional. Ao utilizar apenas trechos essenciais de sua fala, é possível compreender como sua experiência concreta ilumina dinâmicas mais amplas da migração contemporânea.

#### Samantha

O percurso migratório da entrevistada revela como a violência cotidiana no Haiti continua sendo um dos fatores centrais que impulsionam a saída do país. Ela relata que decidiu partir “*porque um dia quase fui sequestrada*”, episódio que a deixou “*muito assustada e estressada*”. A tentativa de sequestro, somada ao avanço de grupos armados em bairros como Tabarre e Carrefour, aparece como elemento estruturante nas decisões migratórias recentes, levando muitas mulheres haitianas a buscar rotas de fuga urgentes. No caso dela, o contato imediato com uma pessoa que pudesse auxiliá-la a obter um visto para o Brasil mostra como redes informais de apoio funcionam como mediadoras essenciais nesse processo.

Após obter o visto, realizou um trajeto longo e fragmentado, saído pelo Haiti, passando pelo Panamá, Brasília, São Paulo e, por fim, Chapecó, o que evidencia a complexidade logística e emocional da migração haitiana contemporânea. A permanência em Chapecó, entre 2018 e 2022, marcou o início de um período de adaptação linguística e laboral, mas não sem desafios significativos. Como ela afirma, mesmo tendo uma irmã no Brasil, “*não era fácil*”, tanto pela falta de recursos econômicos quanto pela barreira linguística. Em sua experiência, entender algumas palavras era possível, mas “*não conseguia responder muito bem*”, recorrendo frequentemente ao Google Tradutor para compreender termos mais difíceis.

A aprendizagem do português aparece como um processo gradual, sustentado tanto por esforços individuais quanto por apoio comunitário. A entrevistada relata que frequentou um curso de português oferecido por uma igreja católica no centro de Chapecó, além da ajuda de “*um amigo*

*brasileiro*”, cuja mediação contribuiu para sua entrada no mercado de trabalho, no caso, na empresa Aurora. A interação cotidiana com colegas de trabalho também desempenhou papel fundamental na construção de competências linguísticas, mostrando como o ambiente laboral se converte em espaço de aprendizagem prática.

Apesar dos avanços no Brasil, a condição emocional permaneceu marcada pela preocupação constante com a situação no Haiti. A entrevistada afirma que falava com a família “*todos os dias*”, mas a realidade difícil enfrentada por eles “*me deixa mal*”. Por isso, buscava diariamente informações em plataformas como YouTube, Facebook e Twitter, tentando acompanhar em tempo real o que acontecia no país. Esse comportamento revela a forte dimensão transnacional da experiência migratória haitiana, em que a vida cotidiana no Brasil é continuamente atravessada pelo vínculo afetivo e informacional com o Haiti. Assim, ao entrelaçar apenas trechos essenciais da fala da participante, é possível compreender como sua trajetória combina violência estrutural, redes de apoio, processos de aprendizagem linguística, inserção laboral e sofrimento emocional, elementos centrais nas experiências migratórias de haitianos no Brasil.

Roberto

A trajetória do entrevistado evidencia as dificuldades iniciais enfrentadas por migrantes haitianos no Brasil, especialmente no que diz respeito à adaptação linguística e à inserção social. Ele afirma que sua adaptação foi “*muito difícil*”, sobretudo porque chegou “*sem saber falar português*”. Essa barreira linguística inicial, comum entre haitianos recém-chegados, coloca os migrantes em posição de vulnerabilidade e reforça a importância das redes de apoio — no caso dele, marcada pela presença de uma irmã que o acompanhou na migração.

Com o passar do tempo, sua permanência no Brasil passou a se estruturar não apenas pela busca de melhores condições de vida, mas também pela construção de novos vínculos afetivos e projetos futuros. Ele destaca que está “*construindo uma família aqui*” e que irá se casar em breve com a companheira que conheceu em Chapecó. Esse aspecto indica um processo de enraizamento progressivo, que ultrapassa a dimensão econômica e se inscreve em uma trajetória de pertencimento social e emocional no país de destino.

A busca por educação superior também ocupa lugar central em sua experiência migratória. Ele relata que saiu do Haiti “*com o objetivo de entrar na faculdade em Chapecó*”, meta que conseguiu concretizar ao ingressar no curso de Letras da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). A formação universitária, nesse sentido, representa tanto uma estratégia de ascensão social quanto uma forma de ampliar sua integração no Brasil, reforçando laços institucionais, acadêmicos e profissionais.

Após sete anos vivendo em Chapecó, o entrevistado destaca que o Brasil foi “*o primeiro país para o qual vim*”, indicando que sua migração não foi marcada por múltiplos deslocamentos, como é o caso de outros haitianos que transitam por vários países antes de entrar no território brasileiro. Essa permanência contínua reflete um processo de estabilização e construção de perspectivas de longo prazo. Assim, ao mobilizar apenas trechos essenciais de sua fala, é possível compreender como sua experiência combina dificuldades de adaptação, projetos educacionais, formação de redes afetivas e processos de enraizamento no Brasil elementos centrais para pensar as trajetórias de haitianos residentes na região Sul.

### 2.2.2 Forma de obtenção de informações sobre a situação no Haiti

A forma como os entrevistados se mantêm informados sobre a situação do Haiti revela a centralidade das redes sociais digitais e dos contatos pessoais na produção e circulação de informações dentro da diáspora haitiana<sup>5</sup>. De modo geral, os participantes afirmaram que acompanham diariamente notícias relacionadas ao país por meio de plataformas como YouTube, Facebook, Instagram e WhatsApp, onde circulam vídeos, transmissões ao vivo, reportagens e relatos de moradores que permanecem no Haiti. Esses ambientes virtuais funcionam como espaços de atualização contínua, permitindo que os imigrantes acompanhem, quase em tempo real, o agravamento político, econômico e social no país.

Além das redes sociais, muitos entrevistados mencionaram que conversas frequentes com familiares, amigos e conhecidos que ainda residem no Haiti são fundamentais para compreender a situação local. Esse contato direto é percebido como uma fonte de informação mais confiável, pois traz relatos cotidianos sobre violência, dificuldades de mobilidade, crise institucional e condições de vida. Assim, a combinação entre plataformas digitais e redes de comunicação pessoal forma um sistema híbrido de informação, no qual notícias formais e narrativas informais se complementam.

No conjunto, observa-se que, diante da falta de estabilidade política e da ausência de instituições estatais capazes de fornecer informações oficiais consistentes, os imigrantes haitianos recorrem principalmente às mídias sociais e às redes comunitárias para se manterem atualizados. Esse processo reforça o papel da diáspora como uma comunidade transnacional conectada, que acompanha atentamente os acontecimentos no país de origem e utiliza os meios disponíveis para interpretar, compartilhar e reagir às mudanças que surgem no Haiti.

As narrativas de Nadia, Samantha e Roberto revelam que acompanhar a situação política e social do Haiti é parte constitutiva da experiência migratória haitiana no Brasil. Os três entrevistados afirmam recorrer intensamente às redes sociais como YouTube, Facebook e Instagram para se manter informados, além de manter contato frequente com familiares e amigos que permanecem no país. Como diz Nadia, ela fica *“sempre conectada nas redes sociais”* para acompanhar os acontecimentos, enquanto Samantha destaca que seus amigos explicam *“as causas e as consequências da crise política”*. Roberto reforça esse padrão ao afirmar que consulta as redes e conversa *“sempre com meus amigos que ainda moram lá”*.

Esses relatos mostram que as plataformas digitais desempenham um papel fundamental na

<sup>5</sup> Durante as entrevistas com os sujeitos da pesquisa fiz a pergunta: Como se mantém informado sobre o que se passa no Haiti (se possível, lista os principais canais, nomeando sites, tipos de grupos e comunidades em redes sociais)? Anexado o roteiro das perguntas na P. 47.



manutenção de vínculos transnacionais, permitindo que os entrevistados acompanhem em tempo real o agravamento da crise haitiana. A referência recorrente ao assassinato do presidente Jovenel Moïse aparece como marco coletivo de ruptura. Os três mencionam que, desde então, “ninguém assumiu o poder”, o que, segundo eles, aprofundou a desorganização política e agravou a instabilidade. A partir desses fragmentos, é possível perceber que o vazio institucional é lido pelos entrevistados como uma das principais causas do colapso atual. Outro elemento central é o sofrimento emocional compartilhado pela diáspora.

Nadia afirma que “*ver meu país assim machuca meu coração*”, enquanto Samantha comenta que a situação em Porto Príncipe “*me deixa bastante triste*”. Roberto reforça essa percepção ao dizer que “*ver o nosso país assim dói, mesmo estando longe*”. Esses trechos evidenciam que a dor não é apenas individual, mas coletiva: todos ressaltam que não é somente quem vive no Haiti que sofre, mas também aqueles que emigraram.

Ao mesmo tempo, os três identificam a migração como resultado da falta de condições dignas no país de origem. Samantha e Roberto são explícitos ao afirmar que, se tivessem condições, ninguém teria precisado sair. Nadia faz eco à mesma ideia ao dizer que, se houvesse oportunidades, os haitianos poderiam “*viver com dignidade na própria terra*”. Essa convergência discursiva mostra que a migração é percebida não como escolha voluntária, mas como necessidade diante de um

Estado colapsado. Ao entrelaçar apenas trechos essenciais de suas falas, observa-se que os entrevistados compartilham uma leitura profundamente afetiva, crítica e transnacional da crise haitiana, que impacta simultaneamente seu cotidiano no Brasil e seus vínculos com o país de origem.

Os três entrevistadores deram a mesma resposta, eles usaram as redes sociais para se manter informados sobre as notícias que aconteceram no Haiti mesmo que estão fora do país como Facebook, Instagram, Youtube, Telegram, Twitter, até no whatsapp as famílias mandaram link das notícias para eles. Nadia, Samantha e Roberto compartilharam sites de notícias e mídias especializadas, por exemplo, *HaitiLibre.com*<sup>6</sup> um site de notícias em inglês sobre o Haiti, com cobertura “7/7” de política, insegurança, educação, diáspora, entre outros temas. *Le Nouvelliste.com*<sup>7</sup>, o jornal diário mais antigo do Haiti, que cobre notícias políticas, sociais, econômicas e culturais. *The New Humanitarian*, foco em crises humanitárias, contexto mais amplo, análise e política. *The New Humanitarian*.<sup>8</sup> Fontes internacionais de confiança que têm seções dedicadas ao Haiti: Associated Press (AP) hub “Haiti” (*AP News*),<sup>9</sup> Al Jazeera cobertura de Haiti Al

<sup>6</sup> [HaitiLibre.com](http://HaitiLibre.com)

<sup>7</sup> [Nouvelliste.com](http://Nouvelliste.com)

<sup>8</sup> [The New Humanitarian](http://TheNewHumanitarian.com)

<sup>9</sup> [AP News](http://APNews.com)

Jazeera<sup>10</sup>, France 24.<sup>11</sup>

Além dos veículos jornalísticos tradicionais, a pesquisa identificou que parte significativa das informações sobre o Haiti circula em grupos, comunidades online e fóruns digitais frequentados pela diáspora haitiana. No Reddit, por exemplo, o subreddit **r/haiti** reúne discussões, troca de links e referências utilizadas por haitianos dentro e fora do país. Em um dos debates observado que Nadia, comenta que *“o canal Radio Télé Métropole no YouTube é muito bom... eles postam o telejornal noturno em francês e o resumo das notícias da tarde em crioulo”*. Esse tipo de indicação mostra como a própria comunidade constrói e valida fontes, combinando mídias tradicionais com práticas informais de circulação de informação.

Além disso, os entrevistados destacaram o uso de plataformas digitais como forma de acompanhamento das notícias do Haiti, recorrendo a canais no YouTube, páginas no Facebook e perfis no Twitter vinculados a estações de rádio e TV haitianas, como a Radio Signal FM<sup>12</sup> que transmitem conteúdos noticiosos em francês ou crioulo, frequentemente acompanhados por comentários ao vivo de haitianos que vivem dentro e fora do país. Esses espaços digitais funcionam como ambientes híbridos, nos quais comunicação factual, participação comunitária e experiência da diáspora se articulam, ampliando o acesso à informação e reforçando conexões transnacionais.

### 2.2.3 Reações sobre o assassinato do presidente Jovenel Moïse

As reações dos entrevistados ao assassinato do presidente Jovenel Moïse revelam não apenas o impacto emocional do evento, mas também as formas pelas quais os haitianos na diáspora acessam e interpretam informações sobre o país de origem. Em todos os casos, as notícias circulam sobretudo por redes sociais, com destaque para WhatsApp, YouTube e plataformas de mídia haitiana.

Nadia relata que recebeu a notícia com forte impacto emocional, dizendo que se sentiu “*muito chocada*” (“*mwen te santi m trè choke*”). Para ela, o assassinato agravou ainda mais uma situação já crítica, comparada por ela a “*uma doença que se espalhou pelo corpo*”. Em sua avaliação, o crime contribuiu para a expansão territorial de grupos armados e gangues organizadas, que passaram a exercer controle sobre diversas áreas da região metropolitana de Porto Príncipe, limitando a circulação ao centro da capital do país.

Ao comentar o governo Moïse, Nadia afirma que seu mandato foi “*mediocre*” e marcado por promessas não cumpridas. Esse julgamento, porém, aparece não como apoio oposicionista, mas como parte de uma leitura mais ampla da desestruturação do Estado. Ela destaca também que eventos como esse afetam diretamente a diáspora, pois reforçam o estigma internacional contra haitianos e diminuem as chances de retorno seguro ao país. Em seu relato, o assassinato também se conecta à frustração de projetos pessoais: impossibilidade de continuar os estudos, abandono do sonho de ser enfermeira e fuga forçada da capital.

Assim como Nadia, Samantha afirma que acompanha as notícias diariamente porque toda sua família permanece no Haiti. Ela interpreta o assassinato dentro de uma dinâmica de polarização política permanente, marcada pelo embate entre oposição e governo. Em suas palavras, Moïse vivia num contexto em que “*a oposição nunca gostava dele*”, e ela entende que sua morte foi resultado dessa disputa. Samantha tem uma leitura fortemente crítica das elites políticas, afirmando que “os políticos haitianos não trabalham para a população” e que muitos “*vendem o Haiti para outros países*”. Para ela, o assassinato demonstra a incapacidade do Estado de exercer autoridade mínima “*se conseguiram matar o presidente, podem matar qualquer um*” e simboliza o colapso institucional. Após sua morte, ela considera que a situação “*piorou em todos os departamentos*”, agora dominados por grupos armados.

A entrevistada também relaciona essa crise à sua condição migratória: por estar em processo de asilo, não pode retornar e, portanto, não se reconhece como parte da diáspora no sentido clássico, que pressupõe mobilidade e recursos uma reflexão que retoma debates como os de Glick-Schiller (2011) sobre circulação e pertencimento.

Roberto descreve uma reação marcada por tristeza e vergonha quando soube da notícia, inicialmente por meio dos “*status no WhatsApp*”. Para ele, o fato de um presidente ser assassinado dentro da própria residência evidencia o nível extremo de insegurança e fragilidade institucional do país. Seu discurso enfatiza a ideia de que, se até o chefe de Estado não tem proteção, “*qualquer pessoa pode ser vítima*”.

Por ser Testemunha de Jeová, Roberto declara não se envolver em política partidária e afirma que não acompanhava de perto o governo Moïse. Ainda assim, seu relato reforça um sentimento generalizado de desesperança: a mudança, segundo ele, só seria possível “*com transformação do pensamento das pessoas*”, um trabalho que deveria começar “*desde a escola*”. Mesmo assim, ele acredita que apenas “*Deus pode fazer algo pelo país*”. Sua fala também se articula com as consequências migratórias da crise: ele destaca que muitos haitianos só deixaram o país porque não havia condições mínimas de vida e que a capital, Porto Príncipe, vive uma situação que “*dói no coração*”.

<sup>10</sup> [Al Jazeera](#)

<sup>11</sup> [France 24](#)

<sup>12</sup> <http://signalfmhaiti.com/>. Pétion-Ville, Haiti, Frequência, 90,5 MHz, Linguagem Francês  
Acesso em outubro de 2025.

### 3. A TEORIA WEBERIANA DOS TIPOS DE AÇÃO SOCIAL: A ANÁLISE SOCIOLOGICA DAS ENTREVISTAS

A teoria dos tipos ideais de ação social, formulada por Max Weber, constitui um dos instrumentos mais influentes para interpretar os sentidos subjetivos das ações humanas em contextos sociais concretos. Weber define ação social como toda conduta dotada de um sentido atribuído pelo ator, referida à conduta de outros indivíduos (Weber, 1978, p. 4).

De acordo com Weber (1978, p. 24–26), a compreensão sociológica das escolhas individuais exige reconhecer que a ação social pode assumir diferentes orientações. O autor distingue quatro tipos puros de ação: a ação tradicional, pautada por hábitos incorporados e práticas rotineiras; a ação afetiva, guiada por emoções e estados sentimentais imediatos; a ação racional com relação a valores, fundamentada na adesão consciente a princípios éticos, religiosos ou morais; e a ação racional com relação a fins, caracterizada pelo cálculo dos meios mais eficientes para alcançar objetivos específicos.

A partir dessa tipologia, torna-se possível interpretar as experiências dos haitianos entrevistados, uma vez que suas decisões migratórias, formas de se informar sobre o Haiti e estratégias de adaptação no Brasil articulam elementos que vão desde hábitos e vínculos afetivos até escolhas racionalizadas diante das condições estruturais de crise em seu país de origem.

Partindo desse quadro teórico, analisa-se aqui como Nadia, Samantha e Roberto expressam diferentes orientações de sentido ao relatar suas percepções e reações diante do assassinato do presidente haitiano Jovenel Moïse. Embora os discursos apresentem elementos híbridos, é possível identificar predominâncias que iluminam dimensões estruturais da experiência migratória, da violência política e do colapso institucional haitiano.

#### **A ação afetiva e a experiência do choque: o caso de Nadia**

A fala de Nadia é fortemente marcada por afetos intensos, como choque, estresse e frustração. Ela afirma: “Me senti chocada [...] a situação era caótica”. Diante desse cenário, sua reação inicial foi de paralisia emocional e insegurança, expressa pela percepção de desordem generalizada e pela sensação de perda de controle sobre a situação no Haiti. Segundo Weber, a ação afetiva é movida por estados emocionais imediatos, frequentemente pouco calculados ou não orientados por uma racionalidade instrumental (Weber, 1978, p. 25).

O contexto de violência extrema, a impossibilidade de circular na própria cidade e a perda dos sonhos educacionais configuram um ambiente que reforça reações emocionais como medo e desamparo. Além do afeto, porém, há elementos de ação racional com relação a valores: Nadia destaca ideais como educação, cuidado comunitário e projeto profissional: “*queria ser enfermeira, ajudar minha comunidade*”. Mesmo que tais fins tenham sido frustrados, eles

revelam um sistema de valores que orienta o sentido mais profundo de sua fala o que se aproxima do que Weber chama de “racionalidade valorativa”, quando a ação é orientada por uma crença ética, estética, religiosa ou patriótica independentemente de suas chances de sucesso (Weber, 1978, p. 25). Assim, a reação de Nadia combina: Ação afetiva (choque, estresse, frustração), Ação racional com relação a valores (ideal de educação e serviço comunitário). A interpretação político-estrutural e a racionalidade com relação a fins: o caso de Samantha.

O discurso de Samantha mobiliza predominantemente um raciocínio racional com relação a fins, pois ela descreve de forma explícita interesses políticos, estratégias de grupos e consequências práticas do assassinato. Ela afirma, por exemplo: “*Na política do Haiti sempre tem duas partes [...] o setor privado pagou muito dinheiro para fazer a manifestação*”. Samantha remete a uma conjuntura política marcada por disputas entre elites econômicas, fragilidade institucional e instrumentalização recorrente de protestos populares. Esse cenário, historicamente atravessado por alianças instáveis entre atores políticos, empresariais e grupos armados, favorece interpretações que buscam identificar quem se beneficia e quais objetivos estão em jogo em cada evento político. Esse tipo de explicação revela uma tentativa de reconstruir cadeias de meios e fins, característica típica da ação racional instrumental (Weber, 1978, p. 24).

Ainda assim, Samantha também expressa certa ação tradicional ligada a percepções sobre a política haitiana: “*Haiti é um país que sempre tem crise*”. Essa formulação remete ao que Weber chama de ação orientada por costumes, hábitos e interpretações sedimentadas historicamente (Weber, 1978, p. 25). O entendimento da crise política como algo estrutural, quase inevitável, reflete um senso comum estabelecido pela experiência social coletiva.

Por fim, há elementos discretos de ação afetiva, como o sentimento de impotência e desesperança, por exemplo, quando afirma que “*nada vai mudar*” ou que apenas Deus pode tirar o país do “*buraco*”. Embora tais sentimentos não dominem sua análise, são significativos para entender sua posição subjetiva de imigrante em situação de vulnerabilidade. Assim, sua fala articula: Ação racional com relação a fins (análise político-estrutural, interpretação causal), Ação tradicional (visão histórica reiterada de crise crônica) e Ação afetiva (sentimentos de desesperança e insegurança). A ação racional com relação a valores e o posicionamento religioso: o caso de Roberto

Roberto expressa de modo claro uma orientação de ação racional com relação a valores, especialmente valores religiosos, ao afirmar: “*Como sou Testemunha de Jeová, não me envolvo com política*”. A racionalidade valorativa, segundo Weber, manifesta-se quando a ação é guiada por convicções éticas ou religiosas independentemente de cálculos pragmáticos (Weber, 1978, p. 25). O afastamento consciente da política por motivos doutrinários encaixa-se precisamente nessa categoria.

Ao mesmo tempo, sua reação inicial: “*fiquei triste e com vergonha*” situa-se no âmbito da ação afetiva, expressando sentimentos espontâneos diante da brutalidade do acontecimento. O

sentimento de vergonha coletiva ligado à imagem internacional do Haiti aproxima-se da análise weberiana dos efeitos sociais da honra e do status (Weber, 1978, p. 305–310).

Há ainda uma dimensão de racionalidade com relação a fins no momento em que Roberto reflete sobre as consequências práticas da fragilidade institucional: “*se conseguiram matar o presidente [...] imagina o que pode acontecer com qualquer pessoa?*”. Aqui, ele estabelece uma relação direta entre o assassinato e a falta de segurança geral, articulando causalidade e projeção.

Sua fala, portanto, revela uma articulação complexa de motivações, expressando simultaneamente diferentes tipos ideais de ação social propostos por Max Weber. Observa-se, em primeiro lugar, uma *ação racional orientada por valores*, ancorada em princípios e convicções de ordem religiosa que estruturam sua forma de interpretar o mundo e de responder às adversidades. Além disso, emergem elementos de *ação afetiva*, evidenciados por sentimentos de tristeza, vergonha e frustração diante da instabilidade vivida no Haiti, o que demonstra como as emoções constituem parte constitutiva do processo decisório em contextos de crise. Por fim, identifica-se também uma *ação racional orientada a fins*, expressa na avaliação prática da insegurança nacional e na busca por estratégias viáveis para garantir proteção, estabilidade e bem-estar familiar. A combinação dessas dimensões mostra que as decisões migratórias não se fundamentam em um único vetor, mas resulta do entrelaçamento entre valores culturais, emoções e cálculos pragmáticos diante do futuro.

#### Comparação geral: convergências e divergências

A análise das entrevistas evidencia que as falas de Nadia, Samantha e Roberto apresentam tanto convergências quanto divergências quando interpretadas a partir da teoria weberiana dos tipos ideais de ação social. No plano das convergências, observa-se que todos os entrevistados expressam algum nível de ação afetiva, marcada por sentimentos intensos como choque, tristeza, medo, frustração e desamparo.

A violência do assassinato do presidente Jovenel Moïse aparece para os três como um evento destabilizador, capaz de gerar reações emocionais espontâneas. Além disso, os três discursos revelam também traços de racionalidade orientada por valores, ainda que fundamentados em registros distintos: Nadia se apoia em valores relacionados à educação e ao desejo de contribuir socialmente; Samantha articula valores ligados à expectativa de justiça, estabilidade e transparência política; e Roberto pauta sua posição em valores religiosos e morais derivados de sua fé. Essa convergência mostra que, embora vivam experiências diferentes, os entrevistados compartilham um sentido de crise que ultrapassa a esfera puramente prática e toca dimensões éticas e identitárias.

No plano das divergências, tornam-se nítidas as distintas formas pelas quais cada entrevistado estrutura o significado do evento. Nadia mobiliza uma resposta predominantemente afetiva, associando o assassinato ao aprofundamento do caos social e à frustração de seus projetos pessoais. Para ela, o acontecimento simboliza a perda de oportunidades e a destruição das

expectativas de futuro. Samantha, por sua vez, orienta sua interpretação sobretudo por uma racionalidade instrumental, relacionando o crime a disputas políticas, interesses econômicos e jogos de poder. Seu discurso enfatiza causalidades, estratégias e lógica de grupos políticos, o que se aproxima da ação racional com relação a fins.

Já Roberto fundamenta sua posição principalmente em valores religiosos que moldam sua relação com a política e com a moral pública. Sua recusa em envolver-se politicamente, somada à leitura ética da situação, expressa uma ação racional orientada por valores que se insere no quadro mais amplo de suas convicções espirituais. Ao mesmo tempo, ele articula um sentimento de vergonha coletiva que não aparece da mesma forma nas falas das outras duas entrevistadas.

Assim, embora partilhem sensações comuns diante da violência e identifiquem um colapso institucional que afeta diretamente suas vidas, os três entrevistados diferem profundamente na forma como constroem o sentido subjetivo desse acontecimento. Essas diferenças confirmam a perspectiva weberiana de que os indivíduos interpretam um mesmo fato de maneiras variadas, porque suas ações se orientam por motivações específicas afetivas, tradicionais, valorativas ou instrumentais que se combinam de forma singular em cada trajetória biográfica.



#### 4. AINDA EM DIÁSPORA: PERMANECER OU IMIGRAR?

A entrevista da Nadia e Samantha evidenciam que as decisões de deixar o emprego no Brasil e, posteriormente, migrar para outros países, como Estados Unidos ou Canadá, não seguem uma lógica única. Elas combinam experiências de racismo e precarização laboral, pressões econômicas associadas à crise haitiana e, ao mesmo tempo, trajetórias individuais vinculadas a diferentes graus de enraizamento no Brasil. As decisões de demissão e de mobilidade migratória entre os imigrantes haitianos não podem ser compreendidas de forma isolada ou a partir de um único fator. Pelo contrário, elas são atravessadas por três grandes dimensões que se inter-relacionam e configuram trajetórias distintas.

A primeira dimensão refere-se ao racismo e à precarização laboral, elementos recorrentes nos depoimentos e que contribuem para uma sensação ampliada de vulnerabilidade e não pertencimento no Brasil. As experiências de discriminação racial, humilhações no ambiente de trabalho, recusa de direitos básicos e medo cotidiano transformam o espaço laboral em um lugar de sofrimento, funcionando como um gatilho importante para a decisão de sair do país.

A segunda dimensão diz respeito às pressões transnacionais, especialmente aquelas ligadas à responsabilidade moral e econômica que muitos haitianos sentem em relação às suas famílias no Haiti. O agravamento extremo da crise política e humanitária após o assassinato do presidente Jovenel Moïse intensificou essas pressões: com o colapso das condições de vida no país, as famílias passam a depender de forma ainda mais direta das remessas enviadas por parentes no exterior.

Por fim, a terceira dimensão envolve os projetos individuais, que variam amplamente entre os entrevistados. Enquanto Nadia e Samantha associam a mobilidade a uma busca por melhores oportunidades econômicas, segurança e dignidade reagindo a experiências negativas vividas no Brasil.

As entrevistas de Nadia, Samantha e Roberto revelam trajetórias migratórias distintas, mas atravessadas por fatores estruturais que marcam profundamente a diáspora haitiana. A morte do ex-presidente Jovenel Moïse, assassinado em julho de 2021, funciona como um marco simbólico e real nas narrativas dos entrevistados, reforçando a instabilidade política do Haiti e o medo de retornar ao país. Entretanto, suas experiências individuais no Brasil e suas percepções sobre futuro e segurança moldam decisões divergentes: enquanto Nadia e Samantha optaram por sair do Brasil, Roberto expressa claramente seu desejo de permanecer.

No caso de Nadia, o principal fator de saída do Brasil foi o racismo no ambiente de trabalho, que lhe gerava estresse, irritação e desgaste psicológico. Ela associa sua decisão de migrar para outro país não a uma busca por melhores oportunidades, mas a uma fuga de um ambiente opressor.

Contudo, ela expressa arrependimento, sugerindo que, embora as condições no Brasil fossem difíceis, ainda assim oferecem mais estabilidade emocional do que sua condição após a tentativa de chegar aos Estados Unidos. Mesmo sem mencionar explicitamente o contexto haitiano como motivação, sua permanência fora do Haiti está implicada na percepção geral de insegurança no país após a morte de Moïse. Samantha, por sua vez, articula diretamente a deterioração do Haiti ao assassinato do presidente. Ela vivenciou racismo, exploração laboral e ameaças à sua saúde física no Brasil, além de um episódio traumático de violência urbana. Esses fatores pressionaram sua saída do país. Entretanto, seu relato reforça que o Haiti jamais foi considerado como alternativa de retorno, pois, depois do assassinato, o país mergulhou em maior crise, violência e aumento dos preços, dificultando sua capacidade de enviar remessas à família. O medo de morrer caso retornasse “*arriscar nossas vidas*”, segundo suas palavras foi decisivo para buscar asilo no Canadá. Seu percurso evidencia como as condições do país de origem, combinadas com vulnerabilidades no país de acolhimento, impulsionam deslocamentos sucessivos.

Em contraste com essas duas narrativas, surge o relato de Roberto, que expressa um posicionamento diferente: ele deseja permanecer no Brasil. Sua trajetória revela um tipo distinto de inserção. Roberto chegou ainda jovem, estudou no país, construiu redes e vínculos sociais, e parece ter alcançado um certo nível de estabilidade cotidiana. Ao contrário de Nadia e Samantha, ele não relata episódios graves de racismo, violência ou exploração que o pressionaram a sair do Brasil. Sua experiência é marcada por adaptação e expectativas de continuidade. Para ele, o Brasil representa uma alternativa real de vida, um local no qual conseguiu reconstruir sua trajetória após deixar o Haiti.

No entanto, seu desejo de permanecer no Brasil também deve ser lido à luz da crise haitiana. Ele não expressa intenção de retorno, o que se relaciona à compreensão geral, presente nas entrevistas, de que o Haiti se tornou um país incapaz de garantir segurança básica aos seus cidadãos. Essa percepção é consistente com análises internacionais que mostram a intensificação da violência de gangues, o colapso do Estado e a desestruturação social após a morte de Moïse. Assim, mesmo que Roberto não mencione explicitamente esse medo, sua permanência no Brasil só se torna inteligível diante do contexto de impossibilidade de retorno ao Haiti.

A comparação entre os três entrevistados revela diferentes respostas diante de condições semelhantes. Nadia e Samantha vivenciaram racismo, precariedade e insegurança no Brasil, o que as levou a buscar alternativas em outros países. Roberto, por outro lado, encontrou condições para se inserir no Brasil, desejando permanecer e reconstruir sua vida ali. Contudo, em todos os relatos, o Haiti aparece não como opção de retorno, mas como espaço de crise permanente, agravada pelo assassinato do presidente, e que produz medo real e concreto.

Essas entrevistas demonstram que a migração haitiana contemporânea é impulsionada por múltiplas dimensões: racismo e desigualdade no país de acolhimento; violência e colapso social no país de origem; e a busca incessante por segurança e dignidade. A morte de Jovenel Moïse torna evidente a fragilização do Estado haitiano e funciona como marco na construção das subjetividades migratórias: depois dela, muitos haitianos deixam de considerar o retorno como possível, reforçando a ideia de que permanecer no exterior seja no Brasil, seja em outro país tornou-se uma necessidade para preservar a própria vida.

Retomando o conceito de diáspora, este tem origem histórica na experiência de dispersão de grupos que, por fatores religiosos, políticos ou econômicos, foram deslocados de seus territórios de origem. No campo das ciências sociais contemporâneas, entretanto, o termo ganhou novos significados e passou a ser utilizado para descrever comunidades transnacionais que vivem fora de seu país, mas mantêm vínculos duradouros com ele. Para autores como William (1991) e Cohen (1997), a diáspora é marcada por um conjunto de características: a dispersão para dois ou mais lugares; a memória coletiva e idealizada da terra natal; o desejo de retorno, ainda que simbólico; a manutenção de fronteiras culturais; e a solidariedade com a população que permanece no território de origem.

Ao mesmo tempo, a auto identificação como diáspora é marcada por desigualdades materiais. Como mostram as entrevistas, muitos imigrantes não se reconhecem como parte da diáspora porque não possuem documentos, condições financeiras ou liberdade de mobilidade para circular entre países critérios que, para eles, definem quem realmente pode ocupar esse lugar. Assim, o conceito de diáspora não é apenas teórico: ele é vivido de forma desigual, condicionado por acesso a direitos, recursos e possibilidades de mobilidade internacional.

Nadia afirma explicitamente que não se considera parte da diáspora, justificando que não possui liberdade para viajar, documentos ou recursos. Sua fala ecoa diretamente a definição de Joseph: a diáspora depende da capacidade de mobilidade, que, no caso dela, é inexistente. Ao dizer que *“não consegue nem entrar no próprio país”*, ela coloca em evidência uma das dimensões centrais identificadas por (Joseph, 2015) segundo a qual a condição diaspórica pressupõe a possibilidade de mobilidade e circulação transnacional, elemento que, em seu caso, encontra-se ausente. Ao afirmar que *“não consegue nem entrar no próprio país”*, Nadia evidencia uma das dimensões centrais apontadas pelo autor: a íntima relação entre diáspora, mobilidade e capacidade efetiva de atravessar fronteiras.

A ausência de documentos, casa e dinheiro rompe, portanto, o que Staudt (2017) descreve como a trajetória socialmente reconhecida da diáspora, baseada em mobilidade e estabilidade. Para Nadia, estar no exterior não basta para produzir identidade diaspórica; ao contrário, sua imobilidade

a exclui dessa condição. Samantha também rejeita o rótulo de diáspora, alegando que sua condição de solicitante de asilo a impede de retornar ao Haiti. Ela reforça o critério da possibilidade de voltar, também destacado tanto por Joseph quanto por Staudt (2017) como componente essencial da diáspora. Para ela, apenas quem “tem dinheiro e pode entrar no país quando quiser” pertence à diáspora.

Sua fala revela que a diáspora haitiana, enquanto categoria social, é profundamente desigual: alguns têm documentos e recursos para circular; outros vivem a experiência da migração como imobilização. No sentido discutido por Joseph (2017), Samantha ocupa a posição de uma “mobilidade bloqueada”, que a impede de assumir a identidade diaspórica.

Roberto apresenta uma posição mais ambígua. Ele se considera parte da diáspora “porque está fora do país natal”, sugerindo um critério geográfico mais simples. Entretanto, ele reconhece que muitos haitianos definem diáspora como aqueles com casa, dinheiro e documentos — elementos que ele não possui.

Essa ambiguidade ilustra o argumento de Joseph (2015): ser diáspora não é apenas condição objetiva, mas também negociação social. Roberto acredita pertencer à diáspora porque mantém vínculo com o Haiti, deseja retornar, e sente responsabilidade pelo futuro do país. Essa dimensão afetiva é justamente o que Staudt (2017) identifica como elemento constitutivo da identidade diaspórica. No entanto, a falta de recursos o coloca numa posição de diáspora incompleta aos olhos de sua comunidade, um ponto que reafirma a tese de que a diáspora haitiana é construída por desigualdades internas e disputas simbólicas.

As três narrativas revelam que a diáspora haitiana é uma categoria multidimensional e socialmente disputada, como defendem Joseph (2015) e Staudt (2017). Ser diáspora não se reduz ao deslocamento territorial, mas envolve: mobilidade transnacional, documentação e autorização de circulação, recursos econômicos, reconhecimento social, vínculo identitário e simbólico com o Haiti.

Para Nadia e Samantha, a ausência desses elementos implica exclusão. Para Roberto, o vínculo simbólico e o fato de viver fora bastam, embora ele reconheça que não corresponde às expectativas comunitárias. Esse contraste confirma que a diáspora haitiana é marcada por uma hierarquia de mobilidades, em que apenas alguns migrantes têm condições de exercer plenamente os atributos associados ao status diaspórico.

Assim, as entrevistas corroboram os estudos de Joseph (2015; 2017), que indicam que a diáspora é vivida de forma desigual, variando conforme condições estruturais e experiências pessoais. Elas também dialogam com Staudt (2017), mostrando que a identidade diaspórica é negociada simbolicamente, construída nas interações e nos discursos dos próprios sujeitos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar as narrativas de histórias de vida de haitianos que migraram para o Brasil e, posteriormente, seguiram para outros territórios, ou aqui permaneceram. Para isso, buscou-se compreender as trajetórias migratórias desde o Haiti até a chegada ao Brasil, observando como fatores sociais, econômicos, políticos e subjetivos influenciam tanto o deslocamento inicial quanto às decisões posteriores de mobilidade ou permanência. Esse objetivo foi plenamente alcançado, uma vez que as narrativas de Nadia, Samantha e Roberto permitiram revelar a complexidade da experiência migratória haitiana contemporânea em suas múltiplas dimensões.

Conforme mencionado anteriormente, essa discussão compõe parte essencial desta monografia, especialmente no segundo capítulo, no qual se apresenta o percurso migratório dos haitianos, as condições enfrentadas durante o deslocamento e os sentidos que cada entrevistado atribui à própria experiência. A análise permite compreender não apenas os caminhos trilhados, mas também as estratégias de sobrevivência, adaptação e reconstrução de projetos de vida em contextos de incerteza e vulnerabilidade.

As entrevistas mostram que o assassinato de Jovenel Moïse não é apenas um evento político, mas um marco que reorganiza o sentido subjetivo da ação para indivíduos inseridos em trajetórias de migração, precariedade e ruptura institucional. A teoria weberiana dos tipos ideais permite compreender a pluralidade de respostas afetivas, valorativas, tradicionais e instrumentais que constituem o tecido social da experiência imigratória haitiana.

Ao retomar o referencial teórico, especialmente a abordagem weberiana dos tipos ideais, foi possível identificar que as respostas dos entrevistados ao assassinato de Jovenel Moïse não se limitam ao âmbito político. O evento atua como marco interpretativo que reorganiza sentidos subjetivos em trajetórias marcadas por incerteza, violência e precariedade. A partir de Weber, compreendeu-se que as ações dos entrevistados articulam dimensões afetivas (medo, vergonha, tristeza), valorativas (responsabilidade com a família e com a diáspora), tradicionais (práticas comunitárias e religiosas) e instrumentais (busca por melhores condições de trabalho e segurança). Assim, o referencial teórico contribuiu para iluminar como a crise política haitiana atravessa decisões cotidianas e projetos de vida.

A análise das entrevistas de Nadia, Samantha e Roberto evidencia que a decisão de deixar o Brasil ou permanecer no país não pode ser compreendida como uma escolha individual isolada, mas como resultado de um conjunto complexo de fatores estruturais, emocionais e históricos que atravessam a experiência migratória haitiana. As trajetórias analisadas demonstram que, embora

todos compartilhem origens semelhantes e enfrentam um contexto de crise profunda no Haiti, as experiências vividas no Brasil produziram caminhos bastante distintos.

Os relatos de Nadia e Samantha revelam que o racismo, a exploração laboral, a precariedade econômica e a insegurança urbana funcionaram como elementos centrais de expulsão. Esses fatores, somados ao agravamento da situação haitiana, após o assassinato do presidente Jovenel Moïse, criaram um cenário no qual permanecer no Brasil deixou de ser viável emocional ou materialmente. Para ambas, a migração subsequente, mesmo que cheia de riscos e incertezas, aparece como tentativa de recuperar dignidade, segurança e melhores condições de vida, além de cumprir a responsabilidade moral atribuída à diáspora haitiana de sustentar familiares no Haiti. Assim, a saída do Brasil não decorre apenas de um desejo de ascensão econômica, mas também de um contexto de vulnerabilidade estrutural que atravessa suas vidas.

Por outro lado, Roberto representa um caso em que a migração resultou em integração gradual e construção de pertencimento no Brasil. Sua trajetória educacional, profissional e familiar permitiu que ele desenvolvesse vínculos sólidos, enxergando o país não como um espaço temporário, mas como território de vida possível. Embora reconheça a gravidade da crise haitiana, ele não vivenciou o Brasil da mesma forma que Nadia e Samantha. Essa diferença revela que a experiência migratória é profundamente heterogênea: fatores como acesso a educação, redes de apoio, oportunidades de trabalho e experiências de discriminação moldam profundamente os percursos e as decisões dos migrantes.

No conjunto, as entrevistas mostram que a diáspora haitiana vive um dilema permanente entre buscar segurança fora do Haiti e reconstruir a vida em um contexto muitas vezes hostil, como o brasileiro. A morte de Jovenel Moïse intensificou esse dilema, criando um ambiente de medo, instabilidade e impossibilidade de retorno que permeia as três narrativas. Ainda que cada entrevistado tenha traçado um caminho singular, todos compartilham o entendimento de que o Haiti, hoje, não oferece condições mínimas de vida, o que transforma a migração em uma necessidade e não em uma escolha plena.

Portanto, as decisões de sair ou permanecer no Brasil devem ser compreendidas como respostas diferenciadas a um mesmo conjunto de pressões: o colapso político e social do Haiti, a violência das fronteiras, o racismo estrutural nos países de acolhimento e a busca contínua por segurança, dignidade e pertencimento. As histórias de Nadia, Samantha e Roberto revelam, acima de tudo, que a migração haitiana contemporânea é marcada por deslocamentos forçados, por reinícios constantes e por estratégias diversas de sobrevivência, nas quais permanecer, partir ou recomeçar são sempre decisões atravessadas por contextos mais amplos do que a vontade individual. Este estudo apresenta algumas limitações importantes. Primeiro, o número reduzido de entrevistados não permite

generalizações sobre o conjunto da diáspora haitiana no Brasil. Além disso, a pesquisa se baseia em narrativas orais, que, embora riquíssimas em termos qualitativos, dependem das memórias, emoções e interpretações dos participantes. Outro limite refere-se à ausência de uma análise comparativa com haitianos que migraram para outros países, o que poderia ampliar a compreensão das diferenças regionais nas experiências de acolhimento, racismo e integração.

As percepções de Nadia, Samantha e Roberto sobre a diáspora revelam tensões fundamentais da mobilidade haitiana contemporânea. A diáspora não é apenas estar fora do Haiti, mas possuir condições materiais, documentais e simbólicas que permitam circular, manter vínculos e ser reconhecido como tal. Para alguns, como Nadia e Samantha, essas condições estão ausentes, o que impede a identificação com a diáspora. Para outros, como Roberto, a identidade diaspórica é assumida, ainda que parcialmente contestada.

Essa análise confirma a relevância das abordagens de Joseph (2015) e Staudt (2017) para compreender a experiência diáspora haitiana como processo dinâmico, marcado por desigualdade, ambiguidade e renegociação constante. A diáspora, portanto, emerge simultaneamente como condição social e identidade, vivendo uma construção coletiva em permanente transformação.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

COHEN, Robin. *Global diasporas: an introduction*. Seattle: University of Washington Press, 1997.

DEGLISE, Fabien. **Consternation et incertitude après l'assassinat de Jovenel Moïse**. Le Devoir, [s. l.], 7 jul. 2021. Disponível em: <https://www.ledevoir.com/monde/ameriques/616341/haiti-entre-consternation-et-incertitude-apres-l-assassinat-de-jovenel-Moïse>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GLICK-SCHILLER, Nina. Foreword: Locality, Globality and the Popularization of a Diasporic Consciousness: Learning from the Haitian Case. In: JACKSON, Regina O. (Org.). **Geographies of the Haitian Diaspora**. New York: Routledge, 2011.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

JOSEPH, Handerson. **Diáspora**: as dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa. Tese de Doutorado. Universidade Federal de São Carlos, 2015. Disponível em: <https://www.academia.edu/15267521>. Acesso em Junho de 2025.

JOSEPH, Handerson. **Diáspora, refugiado, migrante**: perspectiva etnográfica em mobilidade e transfronteiriça **Revista Sociedade e Cultura**, UFG, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/53071>. Acesso em Junho de 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994. Disponível em: <https://share.google/mVITU...> with “*Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

NOLASCO, Carlos. Migrações internacionais: conceitos, tipologia e teorias. **Oficina do CES**,



Coimbra, n. 434, p. 1-32, mar. 2016. Disponível em: [https://ces.uc.pt/publicacoes/oficina/ficheiros/14615\\_Oficina\\_434.pdf](https://ces.uc.pt/publicacoes/oficina/ficheiros/14615_Oficina_434.pdf). Acesso em agosto de 2025.

PATARRA, Neide Lopes. **O Brasil: País de imigração?** In: **Revista E-Metropolis**, no. 09, ano 3, junho de 2012. P. 01 – 18.

SAFRAN, William. Diasporas in modern societies: Myths of homeland and return. *Diaspora: A journal of transnational studies*, v. 1, n. 1, p. 83-99, 1991.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração: ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

STAUDT, Taíse. Sou Diáspora: Construção Social e Mobilidade através da Memória de Haitianos no Brasil. (2019). **RELACult** - Revista Latino-Americana De Estudos Em Cultura E Sociedade, 5(5). Disponível em: <https://doi.org/10.23899/relacult.v5i5.1475> Acesso em Junho de 2025.

STAUDT, Taíse. **Sou diáspora**: identidade e mobilidade nas memórias de haitianos no Brasil. 2018. 141 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2018. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/2070>. Acesso em Junho de 2025.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução de Regis Barbosa e Karen E. Barbosa; revisão técnica de Gabriel Cohn. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1978. 2 v.

## ANEXO

### ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS HAITIANOS DIÁSPORA EM CHAPECÓ (COM PERGUNTAS) PARA O TCC.

DURANTE ESSA ENTREVISTA LEMBRAR QUE SUA VERDADEIRA IDENTIDADE NÃO VAI SER REVELADA.

Explicar um pouco da sua trajetória, como você cresceu, sobre sua família?

Nome completo:

Idade:

Sexo:

Você tem uma religião?

Tempo de moradia no Brasil (indicar os anos, por exemplo, de 2013 a 2018, de 2018 até dias atuais)

1. Antes de vir para o Brasil, já havia deixado o Haiti para morar em outro país? Se sim, qual(is)? Qual o intervalo? Foi com a família?
2. O que motivou sua mudança para o Brasil?
3. Como se deu a sua primeira vinda aqui no Brasil? Venho sozinho ou com alguém do núcleo familiar? Indique em detalhes desde o deslocamento (meio de transporte, rotas) até a fixação em Chapecó.
4. Conte-nos sobre sua condição/status ao chegar no Brasil. Era com visto, como refugiado ou outra situação?
5. Relate como foi sua experiência de adaptação como estrangeiro desde a chegada ao Brasil e como ela foi se alterando ao longo do tempo. Comente caso tenha vindo sozinho, se constituiu família no Brasil ou se membros da família partiram do Brasil durante sua permanência no país. Ilustre com situações marcantes.
6. Como se mantém informado sobre o que se passa no Haiti (se possível, lista os principais canais, nomeando sites, tipos de grupos e comunidades em redes sociais)?
7. Considerando a confiança nestas fontes de informação para suas decisões, como você as avalia?
8. Como você descreve Jovenel Moïse?
  - 8.1 O que ele representou para você quando ele chegou e se manteve no poder?
9. Como você se sentiu quando você ficou sabendo das notícias sobre a morte do presidente Jovenel Moïse? Consegue definir em uma ou duas palavras E como ficou sabendo?
10. Quando ele estava no poder, qual era sua posição política?
  - 10.1 E depois, houve mudança de posição?

11. Qual foi o impacto da na sua percepção sobre a segurança no Haiti?

12. No que a morte de Jovenel e os acontecimentos seguintes influenciaram sua vida no Brasil? Não precisa fazer com a pessoas que ficou no Brasil

12 a. Se decidiu mudar-se do Brasil (indicar qual outro país), qual a relação desta

12 b. Caso tenha se mudado para EUA e Canadá, qual sua condição/status de estrangeiro neste país (refugiado, exilado, outra). VC se mudou sozinho (só perguntar caso tenha família)? SUA

POSIÇÃO ATUAL NO PAÍS

12 c. Considera que sua decisão tenha sido acertada? Se sim ou não, explique porque.

12. d. Como tem se informado sobre o Haiti atualmente? Como avalia a situação do Haiti e como isto influencia sua decisão sobre um possível retorno ao país? Do que depende?

12 e. Caso tenha voltado para o Haiti, você voltou sozinho? Como avalia a condição do país em relação a sua perspectiva pessoal de futuro?

12 f. Considera que sua decisão tenha sido acertada? Se sim ou não, explique porque.

16. Você se considera um diáspora?

17. Como você define uma diáspora.